

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

**Viviane Cristina Torlai**

**A VIVÊNCIA DO LUTO EM SITUAÇÕES  
DE DESASTRES NATURAIS**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO  
2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

**Viviane Cristina Torlai**

**A VIVÊNCIA DO LUTO EM SITUAÇÕES  
DE DESASTRES NATURAIS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Helena Pereira Franco

SÃO PAULO  
2010

Comissão Examinadora

---

---

---

*Ao meu esposo Jorge, pelo amor,  
carinho e cumplicidade em todos os  
momentos importantes da minha  
vida.*

## *AGRADECIMENTOS*

---

À Profa. Dra. Maria Helena Pereira Franco, pelo carinho, apoio e incentivo nas orientações e pela amizade e paciência em relação as minhas inseguranças. Agradeço a confiança e a dedicação que depositou em mim, obrigado por esta oportunidade.

À Profa. Dra. Sandra Borges, pelo carinho, apoio e estímulo. Aprendo muito a cada dia com sua dedicação, profissionalismo e amor a profissão. Você é especial e sou muito grata por toda a ajuda e incentivo na finalização deste projeto.

À Profa. Dra. Flavia, pela disponibilidade, incentivo e colaborações preciosas na conclusão deste estudo.

Ao meu esposo e amigo Jorge Ramalho do Carmo, que me acompanhou diariamente, me apoiando, incentivando e, principalmente, acreditando em mim. Foi meu cúmplice, meu companheiro, meu confidente, peça fundamental na conclusão deste estudo.

Aos meus pais, Vanda de Carvalho Torlai e João Carlos Torlai (*in memorian*), pelo apoio incondicional, por acreditar em mim e compartilhar de todos os momentos de minha vida, a vocês meu eterno obrigado.

Ao meu irmão Beto, a minha cunhada Melissa e aos meus amores Gabriel e Felipe, pelo carinho e por estarem sempre ao meu lado, acreditando e torcendo por minhas conquistas.

Ao Spoke, eterno e fiel companheiro de todas as horas, inclusive nas madrugadas, obrigado por existir.

As minhas amigas da Pós-Graduação Adriana, Juliana, Isabela, Ligiane e Iris, companheiras inseparáveis. Obrigado pelo carinho e amizade e, principalmente, pela força e incentivo.

Aos amigos Marcelo e Celina, vocês fazem parte da minha história e moram no meu coração. Obrigado pelo carinho, amizade e cuidado, vocês são maravilhosos.

À Heloisa e Genilda, pelo apoio, incentivo e ensinamentos ao longo da minha jornada.

Ao Secretário Municipal de Blumenau, Sr. Mario Hildebrandt, por viabilizar a minha pesquisa e acreditar na seriedade do meu trabalho.

À Christine Gabel, Maria Aparecida Peixoto (Cida), Alessandra, Néia, pelos esforços em viabilizarem a realização da minha pesquisa e por acreditarem no meu trabalho e, principalmente, por me propiciarem um dos momentos mais ricos da minha vida profissional no contato com os participantes desta pesquisa.

Aos participantes desta pesquisa, que com muito carinho me receberam em suas casas e compartilharam suas histórias, possibilitando a realização desta pesquisa, contribuindo para meu crescimento profissional e pessoal. Com certeza passei momentos inesquecíveis com vocês. Muito obrigada!

Ao CNPQ, pela bolsa de estudos que proporcionou chegar até aqui.

Muitas foram as pessoas que me estimularam, apoiando e ajudando a enfrentar mais este desafio, participando direta ou indiretamente na construção desta pesquisa. Obrigado por me apoiarem e acreditarem em mim. Tenho vocês guardados no meu coração. Meu mais sincero obrigado!

Os desastres naturais provocam uma ruptura na vida das pessoas envolvidas, deixando-as subitamente enlutadas; há perdas tanto materiais quanto psíquicas para a população. Eles afetam padrões da comunidade e suas redes de apoio psicossocial, colocando em risco a capacidade de enfrentamento individual e coletivo. Esta pesquisa tem por objetivo analisar a vivência do luto de pessoas que passaram por perdas decorrentes de desastres, especificamente, as inundações na cidade de Blumenau, SC, em dezembro de 2008. Foi realizada no Município de Blumenau, em Santa Catarina, na moradia dos participantes. Participaram desta pesquisa cinco pessoas, maiores de 21 anos, que estiveram presentes na calamidade de 2008 e atualmente residem em moradia provisória ou recebem a renda aluguel e que apresentam laudo de interdição de residência, impossibilitando a família de retornar a ela. Foi realizada uma entrevista semidirigida com pré-estruturação mínima a partir de um roteiro semi-estruturado. Por meio da análise de conteúdo as informações foram discutidas e o processo de luto caracterizado a partir da vivência de evento traumático. Na narrativa dos participantes foi possível identificar o impacto sofrido pelo desastre, a quebra do mundo presumido, a imprevisibilidade da vida, as previsões de futuro, o controle dos acontecimentos e a vulnerabilidade, levando a perda do senso de segurança e proteção. O desastre provocou uma sucessão de perdas, desde as perdas materiais até a perda da identidade psicológica dos indivíduos e da comunidade. Observou-se que luto por desastres é um processo contínuo de elaboração de perdas que exige do enlutado recursos internos e externos para enfrentar a situação traumática. Os recursos de enfrentamento encontrados para suportar os traumas e perdas foi o apoio social, a fé e a religiosidade. Concluir este estudo é abrir caminho para novas reflexões e questionamentos acerca das perdas decorrentes dos desastres, buscando ampliar o olhar para a qualidade da assistência aos sobreviventes, desenvolvendo ações que propiciam a elaboração do processo de luto por desastres.

Natural disasters cause disruption in the lives of those involved, leaving the suddenly bereaved, there are both material and psychological losses to the population. Affect patterns of community and their network of psychosocial support, placing at risk the ability of individual and collective coping. This study aimed to examine the experience of mourning for people who have suffered losses from disasters, specifically floods in the city of Blumenau, SC, in December 2008. Was held in the city of Blumenau, in Santa Catarina, housing the participants. Five people participated in this survey, over 21 years, who attended the calamity of 2008 and currently reside in temporary housing or receive rental income and presenting award interdiction of residence, making it impossible to return to her family. A semistructured interview was conducted with minimal pre-structuring from a semi-structured. Through content analysis, the information was discussed with the mourning process characterized by the experience of traumatic events. In the narrative of the participants were able to identify the impact on the disaster and the fall in world presumed because the unpredictability of life, forecasts of future control of events and vulnerability, leading to loss of sense of security and protection. The disaster led to a succession of losses, since the material loss to the loss of the psychological identity of individuals and the community. It was observed that mourning for disasters is a continuous process of development of losses that requires the mourner's internal and external resources to cope with the traumatic situation. The coping resources found to support the traumas and losses was social support, faith and religion. Complete this study is to pave the way for new thoughts and questions about the losses resulting from disaster, trying to broaden the look at the quality of care for survivors, developing activities that promote the development of the mourning process by disasters.



<b>INDRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>Capítulo I - Contextualizando o desastre</b> .....	<b>13</b>
<b>Capítulo II – Impacto Psicológico em situações de desastres</b> .....	<b>23</b>
<b>Capítulo III- Processo de luto por desastres</b> .....	<b>44</b>
<b>Capítulo VI – Intervenções psicológicas em emergência</b> .....	<b>57</b>
<b>VII – OBJETIVO</b> .....	<b>64</b>
<b>VIII – MÉTODO</b> .....	<b>66</b>
<b>8.1 – Pesquisa</b> .....	<b>67</b>
<b>8.2 – Local</b> .....	<b>67</b>
<b>8.3 – Participante</b> .....	<b>67</b>
<b>8.4 – Instrumento</b> .....	<b>69</b>
<b>8.5 – Análise de dados</b> .....	<b>69</b>
<b>8.6 – Considerações Éticas</b> .....	<b>70</b>
<b>IX – DISCUSSÃO</b> .....	<b>71</b>
<b>X- CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>115</b>
<b>XI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>120</b>
<b>XII – ANEXOS</b> .....	<b>130</b>



A frequência dos desastres naturais relacionados a mudanças climáticas vem aumentando nos últimos anos. De acordo com relatório expedido pela Organização das Nações Unidas (ONU), os desastres provocados pelas enchentes estão entre aqueles que mais têm aumentado sua frequência tendo por base a média registrada entre 2000 e 2006 (SACO, 2008).

Segundo Almeida (2009) o Brasil está entre os países mais atingidos por fenômenos naturais considerados perigosos, elevando-o em 2008 à décima terceira colocação mundial, sendo pelo menos dois milhões de pessoas atingidas por desastres naturais, principalmente atrelados aos processos atmosféricos, tais como as chuvas.

Os desastres naturais fazem parte da história de Santa Catarina e, as inundações se destacam em virtude da quantidade de ocorrências e intensidade de danos.

Segundo dados oficiais atualizados em 03 de setembro de 2009 no site criado pela Defesa Civil de Santa Catarina, as inundações iniciadas em novembro de 2008 registraram 12.027 desalojados e desabrigados, sendo 2.637 desabrigados e 9.390 desalojados. Até a data da consulta, 135 óbitos haviam sido registrados e duas pessoas encontravam-se desaparecidas.

Diante da realidade apresentada, o presente trabalho busca analisar a vivência do luto em situação de desastre natural de pessoas que estiveram presentes na calamidade de 2008 ocorrida na cidade de Blumenau, no estado de Santa Catarina.

Visando compreender melhor a vivência do luto em situações de desastres naturais, este trabalho inicia-se com o capítulo I, contextualizando os desastres do ponto de vista conceitual, apresentando uma discussão quanto aos condicionantes envolvidos em tal fenômeno.

Na sequência, no capítulo II, apresento os impactos psicológicos que a situação de desastre provoca na vida das pessoas, utilizando como referência a Teoria do Apego e o conceito de mundo presumido desenvolvido por Parkes (1971).

Para melhor compreensão das consequências psicológicas dos eventos catastróficos, faz-se necessário ainda no capítulo II discorrer sobre a forma como as pessoas adquirem e desenvolvem a capacidade de enfrentamento diante da situação de crise, discorrendo sobre o Transtorno do Estresse Pós Traumático e sobre a capacidade de Resiliência.

Os desastres implicam em elevados danos, tanto materiais quanto psíquicos para a população atingida, e para compreender de forma integrativa como se dá o processo de elaboração do luto nas situações de desastres naturais, utilizaremos no capítulo III o conceito do Modelo Dual do Luto de Stroebe e Schut (1999/2001), buscando uma ampla compreensão de como as pessoas se adaptam após a perda.

Por fim no capítulo IV abordará a importância das intervenções psicológicas em situações de crise na prevenção da instalação de transtornos mentais, ressaltando as possíveis formas de intervenção diante da situação de desastres.

*CONTEXTUALIZANDO DESASTRES*

---

No presente capítulo será abordada a contextualização do cenário dos desastres naturais, *hazards* e *hazards naturais*, dentro do ponto de vista conceitual, apresentando uma discussão quanto aos condicionantes envolvidos em tal fenômeno.

Cabe ressaltar que neste estudo será utilizada a terminologia “desastres naturais” para referir-se aos *hazards*<sup>1</sup> ou *natural hazards*, pois se entende que este fenômeno encontra-se na interface do homem-natureza.

De acordo com a definição de desastre utilizada pela Organização Mundial de Saúde (2009), trata-se de um evento traumático, em virtude do caráter disruptivo e agressivo que este evento exerce sobre os indivíduos afetados, que pode levá-los ou não a uma situação de trauma.

Segundo a Secretaria Nacional da Defesa Civil (2007), o desastre pode ser classificado pelos seguintes indicadores: intensidade, evolução e origem.

1- Intensidade - compreende quatro níveis:

- **Nível I:** desastres de pequeno porte ou intensidade, também chamados de acidentais. São aqueles nos quais os danos e prejuízos causados são pouco importantes; nessa condição a situação de normalidade é facilmente restabelecida.

- **Nível II:** desastres de médio porte ou intensidade. São caracterizados quando os danos causados são de alguma importância e os prejuízos consequentes;

---

<sup>1</sup> Na perspectiva dos estudos da geofísica e, sociais “*hazards*” é também denominado como “desastres naturais”, no entanto durante a explanação deste trabalho em alguns momentos será mantido a denominação inicial com intuito de preservar na íntegra a descrição original do fenômeno como aponto à literatura.

embora não sejam vultosos, são significativos. Nessas condições, a situação de normalidade pode ser restabelecida.

-**Nível III:** desastres de grande porte ou intensidade, com danos importantes e os prejuízos consequentemente vultosos. Apesar disso, esses desastres podem ser suportáveis e superáveis. Nessas condições, a situação de normalidade pode ser restabelecida.

- **Nível IV:** desastres de muito grande porte ou intensidade são caracterizados por importantes danos causados, assim como por vultosos prejuízos e, por isso, não suportáveis e superáveis pela comunidade afetada, mesmo quando bem informada, preparada, participativa e facilmente mobilizada. Nestes casos, o restabelecimento da normalidade depende da mobilização e ação de instâncias maiores.

## 2- Evolução:

***Desastres súbitos ou de evolução aguda:*** caracterizam-se pela subitaneidade; pela velocidade de evolução do processo e, normalmente, pela violência dos eventos adversos causadores dos mesmos.

***Desastres graduais ou de evolução crônica:*** caracterizam-se por serem insidiosos e evoluírem por etapas de agravamento progressivo.

***Desastres de somação de efeitos parciais:*** caracterizam-se pela repetição frequente de acidentes, casos ou ocorrências, com características semelhantes, cujos danos, quando somados, ao término de um período determinado definem um desastre importante.

### 3- Origem:

**Naturais:** são aqueles produzidos por fenômenos e desequilíbrios da natureza, causados por fatores de origem externa que atuam independentemente da ação humana.

**Humanos ou Antropogênicos:** são aqueles resultantes de ações ou omissões humanas e estão intimamente relacionados com as atividades do homem, enquanto agente ou autor.

**Mistos:** são aqueles resultantes da soma interativa de fenômenos naturais com atividades humanas.

Segundo Mattedi e Butzke (2001), para a ciência social a forma de interpretar as chamadas calamidades naturais é complexa, sendo utilizados muitos conceitos como, por exemplo, crises, catástrofes naturais, desastres naturais, riscos naturais, vulnerabilidade, situações extremas, emergência, porém podem ser destacadas duas grandes vertentes: a teoria dos *hazards* desenvolvida do ponto de vista geográfico e que enfatiza os aspectos naturais e a teoria dos desastres, construída do ponto de vista sociológico e que ressalta os aspectos sociais. Os *hazards* têm sido classificados e ordenados de acordo com os processos desencadeadores: meteorológicos (furacões, tornados, avalanches e nevoeiros), geológicos (terremotos, vulcões e deslizamento) e hidrológicos (inundações, secas e incêndios).

Burton e Kates (1965) citados por Mattedi e Butzke, (2001) definem *hazards* como elementos de ambiente físico prejudiciais para o homem, que surgem do contínuo processo de ajustamento entre sistema humano e eventos naturais.



“O estudo do *natural hazards*, como também são denominados os desastres naturais nas ciências geofísicas e sociais, já era preocupação dos geógrafos desde a década de 1920, muito antes das inquietações mundiais em razão da degradação ambiental do planeta e dos mais recentes apelos pelo regaste da qualidade de vida” (Krum, 2007 p.12).

O *natural hazard*, na perspectiva geofísica e social, é analisado sob a relação homem-natureza, considerando estes fenômenos muitas vezes como eventos extremos que rompem um ciclo ou um ritmo de ocorrência dos fenômenos naturais. No entanto, nem todas as inundações, tornados e terremotos serão caracterizados como *hazards*, mas sim aqueles que estão em relação ou ocorrendo em áreas ocupadas pelo homem. Tais eventos geram perdas e danos e colocam em perigo essas populações e, por isso, não são naturais em si, mas acontecem na interface sociedade-natureza (Mattedi e Butzke, 2001; Marandola e Hogam, 2004; Krum 2007).

As teorias dos *Hazards* e Desastres examinam os efeitos provocados pelo ambiente físico sobre a atividade humana, portanto desta forma considera-se que há uma relação entre a dimensão natural e social, assim como uma reciprocidade entre as duas dimensões: as enchentes não provocam impactos sem chuvas, no entanto, só existe impacto quando a chuva afeta a população. Deste ponto de vista, um problema ambiental pode ser caracterizado por um efeito negativo que emerge nos pontos de interseção entre a sociedade/natureza (Mattedi e Butzke, 2001).

A Política Nacional de Defesa Civil (2007) aponta para o crescente aumento de desastres naturais no último século, sendo cada vez mais intensos os desastres antropogênicos em função de um desenvolvimento econômico e tecnológico pouco atento aos padrões de segurança da sociedade. Alguns fatores condicionantes devem ser

levados em consideração, pois contribuem para aumentar os níveis de insegurança relativos aos desastres, tais como:

- O desenvolvimento econômico imediatista que provocou a deterioração ambiental agravando as vulnerabilidades dos ecossistemas humanos.

- A crise econômica que se desenvolveu no País, principalmente a partir da década de 1970, gerou reflexos altamente negativos sobre o processo de desenvolvimento social e sobre a segurança da comunidade contra desastres.

- O crescimento desordenado das cidades e conseqüentemente a redução do estoque de terrenos em áreas seguras e sua conseqüente valorização provocam adensamento dos estratos populacionais mais vulneráveis, em áreas de riscos mais intensos.

- O desemprego, a especulação, a fome e a desnutrição crônica, as migrações descontroladas e a redução dos padrões de bem estar social, ao implementarem o clima de incertezas, desesperanças e revolta promovem desastres humanos relacionados com as convulsões sociais.

- O processo de regressão social, ao atingir a núcleo familiar, contribui para o crescimento da violência e do número de menores abandonados.

- Os estratos populacionais menos favorecidos e os países menos desenvolvidos, por apresentarem maiores vulnerabilidades culturais, econômicas e sociais, são atingidos com mais intensidade pelos desastres.

- Como conseqüência dos desastres ocorre a estagnação econômica, redução da receita dos impostos e aumento do custo de vida.

- Os desastres agravam as condições de vida da população, contribuem para aumentar a dívida social, intensificam as desigualdades regionais e as migrações internas, fazem crescer os bolsões e cinturões de extrema pobreza nos centros urbanos e afetam o desenvolvimento geral do país.

- As ações de respostas aos desastres e de reconstrução exigem grandes gastos e desviam recursos que poderiam ser alocados em programas de desenvolvimento.

É importante que haja interação entre o desenvolvimento sustentável, a redução de desastre, a proteção ambiental e o bem estar social, para que haja um processo de planejamento nacional que contemple, de forma clara e permanente, a prevenção dos desastres (Defesa Civil, 2007).

O Estado de Santa Catarina apresenta um histórico de desastres naturais, especialmente relacionados a eventos pluviométricos extremos. Além disto, a intensa urbanização, a ocupação desordenada das planícies, o desmatamento e diversos outros fatores geoambientais têm contribuído para aumentar os danos e prejuízos causados nas últimas décadas. As inundações e os escorregamentos são fenômenos de significativos danos socioeconômicos (Herrmann, 2001). Embora os desastres naturais façam parte da história de Santa Catarina, as inundações se destacam em virtude da quantidade de ocorrências e intensidade de danos (Marcelino *et al.*, 2004).

As inundações podem ser classificadas como inundações fluviais, inundações bruscas e inundações costeiras. As inundações bruscas destacam-se dos demais fenômenos por apresentarem um potencial destrutivo e de elevada incidência (frequência de ocorrência). Estes fenômenos são popularmente conhecidos como “enxurradas”, sendo geralmente desencadeadas por chuvas convectivas intensas e

concentradas, que ocorrem em curto espaço de tempo (poucas horas), ocasionando o aumento súbito e violento do nível das águas (Marcelino et al., 2004).

Segundo dados oficiais atualizados em 03 de setembro de 2009 no site criado pela Defesa Civil de Santa Catarina, as inundações iniciadas em novembro de 2008 registraram 12.027 desalojados e desabrigados, sendo 2.637 desabrigados e 9.390 desalojados. Até a data da consulta, 135 óbitos foram registrados e duas pessoas encontravam-se desaparecidas.

A Secretaria Nacional de Defesa Civil (2007) ressalta que comunidades que participam ativamente na prevenção e na preparação de acidentes e desastres são poupadas dos graves prejuízos e danos provocados pelas ocorrências, visto que as pessoas de menor poder aquisitivo são a imensa maioria das vítimas dos desastres, por estar em áreas de risco e muitas vezes não ter a percepção global dos riscos.

Segundo Mauila (2003), prevenção se define como um conjunto de ações médicas e sociais levadas a efeito para proteger a saúde dos indivíduos. A prevenção compreende três tipos:

- Prevenção Primária: prevenção que visa salvaguardar a saúde dos indivíduos e evitar acidentes.
- Prevenção Secundária: prevenção que visa impedir o agravamento de doenças.
- Prevenção Terciária: prevenção que tem por finalidade reinserir os doentes numa vida ou atividade normais e evitar sequelas tardias.

Kobiyama *et al* (2004) ressaltam que as atividades de prevenção de desastres naturais devem ocupar-se com as fases sequenciais do evento e podem ser classificadas

em três etapas: pré-evento, evento e pós-evento, com as respectivas ações de: prontidão, ação emergencial e recuperação.

De acordo com Franco (2005), ninguém fica imune ao impacto de uma crise, mas cada pessoa a enfrentará com seus recursos, mesmo que em circunstâncias semelhantes. A autora define trauma como uma ruptura no tecido vivo, causado por um agente externo, como resultado de uma cirurgia, um ato violento, um desastre. Geralmente leva a um estado de crise, que pode ser definido como um período de desequilíbrio psicológico, resultante de um evento ou situação danosa, assim constituindo um problema significativo que não pode ser resolvido com estratégias de enfrentamento conhecidas.

Segundo Grégio (2005), eventos de natureza grave ou catastrófica, que envolvem morte ou ameaça à integridade física ou pessoal dos demais, se caracterizam como inesperados e afetam a segurança e a autoconfiança provocando medo, sensação de vulnerabilidade, desesperança e horror intenso. Na mesma linha, é possível dizer que o desastre provoca uma ruptura na vida das pessoas envolvidas, um intenso estresse, constituindo-se num marco por ser uma situação extraordinária que atinge não só o indivíduo, mas a sociedade como um todo (Bromberg, 1998).

Tendo contextualizado o cenário no qual se desenvolve este estudo, cabe ressaltar que ele abordará a prevenção terciária, buscando analisar por meio dos relatos de experiência o processo de luto das famílias que passaram por situações de perdas decorrentes das inundações no Estado de Santa Catarina. Assim sendo, a perda abordada neste estudo refere-se à situação de desastre/emergência, que de acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde/Organização Mundial de Saúde (OPAS/OMS), pode ser definida como sendo um fenômeno natural ou causada pela ação humana, que produz um distúrbio massivo no sistema dos serviços de saúde, produzindo tão grande e

imediate ameaça à saúde pública que o país afetado necessite de assistência externa para enfrentar a situação (OMS, 2009).

Diante dos aspectos acima apresentados, é importante ressaltar que os impactos sociais provocados por eventos naturais geram preocupações tanto no âmbito científico, quanto no âmbito político. Trata-se de um campo de investigação para diversas áreas do conhecimento, no qual se destacam os estudos que remetem continuamente aos aspectos da relação sociedade-ambiente em situações especiais onde há ocorrência de eventos naturais indesejáveis e inesperados.

A situação de desastre provoca uma ruptura na vida das pessoas, desencadeando consequências importantes no processo de restauração de sua identidade, neste sentido abordaremos no capítulo seguinte o impacto psicológico compreendendo as consequências e sequelas desta vivência traumática, permeada por perdas.

*IMPACTO PSICOLÓGICO EM SITUAÇÕES DE DESASTRES*

---

Os desastres vêm sendo muito estudados pelo campo da Psicologia, em duas subáreas: a Psicologia Ambiental e a Psicologia das Emergências e Desastres. A Psicologia Ambiental busca enfatizar teoricamente a influência do ambiente nas pessoas, bem como a influência destas no ambiente; desse modo, o estudo sobre os desastres é de suma importância, pois se baseia na relação homem X ambiente e na reciprocidade destes (Fávero e Diesel, 2008).

A Psicologia das Emergências e Desastres, por sua vez, encontra-se envolvida em diversas esferas de atuação do psicólogo, estudando os impactos psicológicos nos indivíduos e grupos, bem como no trabalho de prevenção e no auxílio às vítimas diretas e indiretas, de modo a reconstruir suas vidas no pós-desastre (Fávero e Diesel, 2008; Álamo, 2007).

A Psicologia das Emergências e dos Desastres sustenta uma ampla bagagem de investigações e construção teórica datada no início do século XX, quando surgiram os primeiros estudos com enfoque sociológico e psicossocial. Segundo Coelho (1997), apontado por Fávero & Diesel (2008), tais pesquisas têm tratado no âmbito individual e social das consequências psicológicas relativas às calamidades, demonstrando que os desastres podem causar estresse emocional, dentre outras consequências negativas à saúde dos afetados.

Os desastres implicam elevados danos, tanto materiais quanto psíquicos, para a população atingida. Afetam padrões de vida das comunidades e suas redes de apoio psicossocial, colocando em risco a capacidade de enfrentamento individual e coletivo.

Todos nós vivemos e planejamos nossa ação no mundo com base no que acreditamos que o mundo é e, com isso construímos internamente um modelo de mundo. Segundo Parkes (2009), nele estão inseridas concepções sobre nossos pais e nós mesmos, nossa habilidade para lidar com o perigo, a proteção que esperamos dos outros



e nosso senso de significado e propósito de vida. Essas concepções são construídas umas sobre as outras, formando nossa visão particular do mundo. Esse mundo foi denominado por Parkes (2009) de Mundo Presumido, que é a parte mais valiosa do nosso equipamento mental, sem a qual nos sentimos perdidos, pois construímos o mundo à nossa volta para sentirmos confiança e segurança.

Nesta perspectiva, a construção do Mundo Presumido se dá por meio do Modelo Operativo Interno (Bowlby, 1998), no qual está inserida a imagem representacional interna que o indivíduo tem de si e de suas capacidades, juntamente com a imagem que tem do outro e a expectativa de como este se relacionará com ele.

Ao nascermos, somos completamente dependentes e indefesos, sem recursos para sobreviver sem os cuidados de um adulto. Dependemos do outro para suprir nossas necessidades básicas. É nesta relação de primeiros cuidados que personalizamos nosso contato com o outro e estabelecemos vínculos com a figura de apego.

Segundo Bowlby (1993) apego é definido como o instinto de formar laços relacionais com outros, desenvolvendo estratégias a fim de manter a proximidade desta figura de apego diante de situações de stress, doença e medo, proporcionando segurança o que facilita sua exploração do mundo. Segundo o autor (1990), os laços de apego não estão relacionados com a qualidade do relacionamento do apego e, sim diante das condições de ameaça que ativam o sistema de apego e levam o indivíduo ameaçado à proximidade com a figura de apego.

Os modelos operativos internos de apego ajudam os indivíduos a manterem uma visão consistente de si mesmos e dos outros. Estes modelos operativos são especialmente importantes quando os indivíduos devem interpretar situações ambíguas. Tais modelos permitem à criança estar alerta de que a figura de apego não está presente e a reconhecer esta figura quando ela volta (Berman e Sperling, 1994, Santos, 2000).

O modelo operativo interno é construído por meio da internalização e da repetição de experiências vividas na infância e adolescência com a figura de apego e a introjeção desta.

Sperling e Berman (1994, p.11) definem os estilos de apego como:

“Modelos operativos internos particulares de apego, que determinam as respostas comportamentais das pessoas, em relação a uma separação e/ou a uma reunião real ou imaginária das figuras de apego”.

Os modelos operativos internos da figura de apego contém avaliações da acessibilidade, disponibilidade e confiabilidade dessa figura; sendo uma das maiores funções da figura de apego oferecer uma base de segurança que permita ao indivíduo explorar o meio (Bowby, 1998). Ressalta ainda que, os modelos operativos internos são componentes necessários do sistema comportamental de apego, pois atuam como lentes por meio das quais a pessoa compreende o mundo, observa eventos e desenvolve expectativas de futuro.

“Cada pessoa constrói modelos funcionais do mundo e de si própria nesse mundo; com auxílio desses modelos a pessoa percebe os eventos, prevê o futuro e elabora seus planos.”

(Bowlby, 1998, p.221)

A Teoria do Apego proposta inicialmente por Bowlby (1973), buscava explicar os laços existentes entre as crianças e seus cuidadores. Durante a infância os pais ou cuidadores primários são as principais figuras de apego, no entanto Bowlby acreditava que o apego é importante e essencial ao longo do ciclo vital,

sendo assim os relacionamentos de apego continuam exercendo um papel primordial nas vidas dos adultos.

De acordo com a Teoria do Apego, os estilos de apego refletem regras que guiam as respostas a situações emocionalmente estressantes, ou seja, a Teoria do Apego pode ser descrita como uma *teoria da regulação do afeto* (Feeney e Noller, 1996, Borges,2000).

A adolescência e o início da vida adulta são momentos de mudanças nos padrões de apego, pois mudam as pessoas centrais do apego e há o interesse e o direcionamento para outras figuras de importância. Neste momento aparece a atração sexual, mas os pais não deixam de ser as figuras de apego principais. Agora a relação de cuidado é simétrica e não mais unilateral como na infância; ambos os parceiros revezam-se na posição de cuidado e de cuidar.

Sperling e Berman (1994, p.08), definem o apego adulto como:

“a tendência estável de um indivíduo em fazer esforços substanciais para procurar e manter proximidade e contato com um ou alguns indivíduos específicos, que forneçam o potencial subjetivo para a segurança física e/ou psicológica; esta tendência é regulada pelos modelos operativos internos”.

Os estilos de apego, assim como os modelos operativos internos na vida adulta, também foram fonte de estudos de pesquisadores. Bartolomew e Horowitz (1991), citados por Mazorra (2009), estenderam a descrição do apego adulto, apresentando os seguintes estilos de apego:

1- Apego Seguro: apresenta um modelo operativo interno positivo de si e do outro. Apresenta boa auto-estima e vê os demais como predominantemente responsivos;

procura a proximidade e sente-se confortável em relacionamentos que envolvem intimidade.

2- Apego Preocupado: apresenta modelo negativo de si e positivo do outro. Tem a crença de que, para obter segurança, aceitação e validação dos demais, tem de corresponder a suas expectativas. Tende a desejar a fusão em seus relacionamentos e sente a busca de autonomia e individualidade do outro, como rejeição.

3- Apego Evitativo-rejeitador: caracterizado pelo modelo positivo de si e negativo do outro. Apresenta auto-estima elevada, não-realista e acredita ser valoroso e auto-suficiente, buscando uma auto-imagem idealizada, de perfeição, negando sua fragilidade e dependência. Evita a intimidade por não confiar nos demais. Nega a importância dos relacionamentos íntimos, a existência de conflitos e a necessidade de ajuda.

4-Apego Evitativo-temeroso: apresenta modelo negativo de si e do outro. Evita intimidade para se afastar da dor da perda e rejeição; muito dependente da aceitação do outro.

Compreender os estilos de apego construídos no decorrer da vida contribui para uma nova visão em relação ao mundo, permitindo ao pesquisador maior liberdade para compreensão do indivíduo em suas diversas características e manifestações diante da possibilidade de perda e quebra do mundo presumido.

Grégio (2007) ressalta que os padrões de apego determinam as características do Modelo Operativo Interno (MOI), pois este modelo permite o desenvolvimento de estratégias para lidar com o estresse que vai além da proximidade com o cuidador, mas que diz respeito ao planejamento e à efetiva ação adaptativa frente às ameaças da vida.

Segundo Grégio (2007), o padrão de apego pode proteger as pessoas dos efeitos do estresse. Pessoas que apresentam padrão de apego seguro tendem a interpretar as

situações de estresse como menos ameaçadoras, pois apresentam um repertório de manejo de estratégias para lidar com a situação, assim como, percebem-se capazes de enfrentá-la e se adaptam com sucesso. Além disso, contam com uma rede de apoio disponível e eficaz, na qual podem acreditar. Por outro lado, os indivíduos com padrão de apego inseguro tendem a ser mais vulneráveis frente às situações adversas, percebendo-se como incapazes de superar as dificuldades, apresentando poucas estratégias para a resolução do problema, mantendo uma rede de apoio social escassa, e não denotam disposição em procurá-la. Estas pessoas apresentam-se mais predispostas a desenvolver transtornos mentais como depressão, transtorno de ansiedade e distúrbios dissociativos, frente a situações de estresse.

O padrão de apego, seja adulto ou infantil, pode sofrer alterações de acordo com as circunstâncias e a figura de apego, independentemente do vínculo estabelecido. Isto é, um padrão de apego inseguro ou desorganizado pode se modificar para seguro a partir de um relacionamento com uma figura responsiva e sensível às suas necessidades; do mesmo modo que alguém com padrão de apego seguro pode ter uma modificação negativa frente a um evento, extremamente traumatizante. Entretanto, a probabilidade de um padrão inseguro ou desorganizado sofrer uma mudança positiva é maior do que a modificação negativa de um padrão de apego seguro (Goldberg, 2000 in Grégio, 2007).

Todos os acontecimentos em nossa vida provocam mudanças, no entanto aqueles que se caracterizam como inesperados, no caso de um desastre, podem alterar nosso padrão de apego e desafiar nosso mundo presumido, minando nosso sentimento de segurança e ameaçando profundamente as nossas concepções mais arraigadas, gerando desconfiança e medo.

Parkes (2009) ressalta que o mundo presumido tem uma ampla tarefa cognitiva que leva tempo, especialmente se for imposta sobre nós de repente, pois evoca emoções

fortes (como medo, desamparo e/ou horror) que podem interferir na tarefa cognitiva; sendo assim, tanto a cognição quanto a emoção precisam ser levadas em conta em qualquer tentativa de ajudar as pessoas enlutadas.

“As pessoas que sofrem perdas múltiplas não só sofrem os efeitos cumulativos do luto, mas sua suposição de que o mundo é um lugar seguro onde desastres não acontecem é corroída e substituída por uma expectativa de futuros desastres”.

(Parkes, 2009, p.161)

Os vínculos influenciam nosso modo de enfrentamento quando nossa proteção é ameaçada por perdas traumáticas que abalam nossa segurança e a segurança daqueles que amamos, uma vez que eles têm a função de nos manter a salvo no mundo (Parkes, 2009).

As vivências traumáticas alteram os esquemas cognitivos, trazendo fragilidade aos conceitos que antes eram usados como parâmetros; evidencia-se uma dissonância entre a realidade do trauma e o mundo presumido. O indivíduo torna-se inseguro em sua ação no mundo e apreensivo em seus relacionamentos sociais. Surge a necessidade de se construir um novo modelo de mundo, mais condizente com os novos aspectos da realidade (Grégio, 2007).

Com a quebra do mundo presumido, o mito de construção de um mundo seguro, controlável e previsível se perde, dando vazão à imprevisibilidade da vida, às previsões de futuro, ao controle dos acontecimentos e à vulnerabilidade.

A vivência direta ou indireta de uma situação traumática como o desastre nos permite recorrer a Padrões de Apego e ao Modelo Operativo Interno a fim de interpretar a situação integrando-a a nossa história de vida. Grégio (2007) ressalta que o modelo

operativo interno traz recursos para que o indivíduo possa lidar com o estresse, recursos estes solicitados para elaborar o luto pela perda de parentes e amigos envolvidos no evento traumático.

Favero & Diesel (2008) ressaltam a importância de se avaliar a exposição a estressores como os desastres, levando em conta tanto o trauma individual baseado em perdas pessoais, quanto à extensão em que uma comunidade foi destruída e afetada. As perdas por desastres naturais deixam muitas pessoas subitamente enlutadas. O impacto sofrido pelos indivíduos e pela comunidade atingida gera inúmeras respostas emocionais, tornando imperativa a mobilização de esforços para lidar com o evento (Bandeira & Krum, 2008).

Autores como Bell e cols (2001), citados por Favero e Diesel (2008), destacam que as consequências de um desastre, principalmente as psicológicas, encontram-se relacionadas à percepção dos indivíduos e do grupo relativa ao evento em si. Isto é, para que o processo de estresse se inicie, é necessário ocorrer uma percepção cognitiva de que há uma ameaça, sendo esta suficiente para desencadear uma resposta ao estresse mesmo que o evento físico não aconteça. Neste sentido, um evento ambiental pode ou não ser um estressor em todas as circunstâncias, considerando a percepção e vivência de cada um.

A forma de perceber um fenômeno e de reagir a ele depende de fatores psicológicos individuais (recursos intelectuais, motivações, experiências prévias), de aspectos cognitivos relativos ao fenômeno em si (percepção sobre a possibilidade de controle sobre o estímulo, previsibilidade, intervalo de tempo até a manifestação do impacto), de variáveis ambientais e sociais, entre outras (Bell & cols., 2001, citados por Favero & Diesel, 2008).

As reações a um desastre podem ser variáveis, o que impossibilita prever o tempo que as pessoas traumatizadas necessitam para se recuperar. Existem alguns fatores que podem contribuir ou impedir a recuperação destas pessoas, como a existência de um sistema de apoio dentro e fora da comunidade envolvida, o que ressalta a importância de um apoio psicológico especificamente dirigido a estas pessoas (Franco, 2005).

Os desastres são considerados traumáticos quando sobrecarregam os recursos disponíveis da comunidade e quando coloca em risco a capacidade de enfrentamento das pessoas e da comunidade. As respostas das pessoas à situação de desastre podem ser divididas em: aquelas que aparecem no período imediato da emergência, as que aparecem após 72 horas ou poucas semanas depois do evento traumático e as sequelas a longo prazo (Gaborit, 2006).

Logo após o desastre, a pessoa pode manifestar estado de choque, perdendo o sentido de orientação, de tempo e até mesmo a identidade. Este estado pode explicar certas deficiências cognitivas comuns a muitos traumas, dentre elas a dificuldade de recordar aspectos importantes do evento traumático (Gaborit, 2006). Às vezes este estado de amnésia pode durar anos.

Segundo Horowitz (1976), as respostas psicológicas após o evento traumático são a re-experimentação do trauma e a evitação. Estas respostas tomam variadas formas de experiências e sintomas cognitivos, afetivos, de conduta e fisiológicas. O autor ressalta que vários temas podem ser identificados como respostas básicas: temor de que o trauma volte ou se repita, vulnerabilidade, sentimentos de vazio profundo, raiva e ira com relação às causas e causadores do trauma, vergonha dos impulsos agressivos experimentados e profunda tristeza pelas perdas sofridas.



Com frequência, os sobreviventes de um desastre podem manifestar irritabilidade, hostilidade, sentimentos de incapacidade e perda de controle. Essa agressividade pode ser dirigida a outras pessoas ou aos membros da família. Neste sentido, os sobreviventes precisam de atenção e cuidado, pois podem manifestar comportamentos autodestrutivos, como comportamento suicida, exagerado impulso sexual, abuso de álcool e drogas (Gaborit, 2006).

Gray, Marguen & Litz (2004) apontam que as pessoas que passam por uma situação traumática ou por um acúmulo de situações estressantes usualmente conseguem dar um significado ao que aconteceu e reduzem seus sintomas nas semanas que se seguem, conseguindo retomar o controle sobre o ambiente e acessar seus sistemas de suporte. Algumas vezes, os sistemas externos e internos de enfrentamento são suficientes e a pessoa consegue sair do episódio agudo da crise; outras vezes isso não é possível e a pessoa ou grupo familiar vulnerável acaba por não conseguir enfrentar este momento e os episódios de crise tomam maiores proporções. Quando isso ocorre, a pessoa pode vir a desenvolver distúrbios como o Transtorno de Estresse Pós Traumático - TEPT.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estático de Transtornos Mentais - DSM IV (1994), os critérios para diagnóstico deste transtorno referem-se a seis pontos básicos, sendo diagnosticado somente um mês após a exposição ao evento considerado pela pessoa como estressor.

Critério A: Exposição a um estressor traumático que leva a um conseqüente sofrimento emocional.

Critério B: Sintomas de re-experimentação do trauma (um ou mais): formas de recordações intrusivas; imagens; pensamentos; percepções; sensações somáticas; sonhos

recorrentes sobre o ocorrido; re-vivência ilusória ou alucinatória da situação traumática e, episódios dissociativos em *flashbacks*.

Critério C: Sintomas de evitação e embotamento (três ou mais).

Critério D: Sintomas de hiperativação autônoma e excitação (dois ou mais).

Critério E: Presença do quadro de sintomas por um mês ou mais.

Critério F: Presença de sofrimento ou prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, ocupacional e outros.

Kapczibski & Magris (2003), por meio do estudo com veteranos de guerra do Líbano, verificaram que os soldados que se tornaram agudamente perturbados no momento do combate apresentaram maior risco para o TEPT e que o transtorno emergiu de reações ameaçadoras do conflito. Por outro lado, a taxa de TEPT nos soldados que enfrentaram a situação foi significativamente menor. Cabe ressaltar que também foi observado que os sintomas intrusivos apresentavam menor especificidade diagnóstica, em contraste com a combinação de sintomas intrusivos e evitativos. Além disso, a proeminência de sintomas intrusivos diminuiu num período de dois anos, enquanto que os sintomas evitativos aumentaram.

Na pesquisa realizada por Solomon (1988), é válido ressaltar que determinados indivíduos apresentam TEPT por longos períodos, como observado pelo NVVRS (*National Vietnam Veterans Readjustment Study*), que constatou que 19 anos após a exposição ao combate, 15% dos veteranos de guerra permaneciam com TEPT. Neste sentido, o potencial para a cronicidade do TEPT reforça a possibilidade de o transtorno modificar-se com o tempo. Os indivíduos podem apresentar diferentes exposições a eventos traumáticos, desenvolvendo múltiplos episódios de TEPT, como foi observado

num estudo de Solomon em 2007, com um grupo de 35 soldados. Após diversas exposições ao combate, alguns deles reativaram os sintomas do TEPT preexistente; outro grupo, exposto às mesmas condições, desenvolveu um novo episódio de TEPT. Existem ainda aqueles indivíduos que passam a apresentar sintomas relacionados ao primeiro evento traumático após a ocorrência de um segundo ou terceiro evento (não tendo desenvolvido TEPT).

As pesquisas apresentadas reafirmam a singularidade na interpretação do evento traumático, levando em consideração os fatores psicológicos individuais, de aspectos cognitivos e de variáveis ambientais e sociais.

A repetição de eventos ameaçadores, tais como as inundações no estado de Santa Catarina podem levar uma comunidade inteira a uma situação de estresse em épocas chuvosas, neste sentido é importante ressaltar que as demandas ambientais percebidas e os recursos pessoais é que determinam as avaliações; desse modo, elas podem sofrer modificações com o tempo, devido à efetividade do enfrentamento, alteração das necessidades ou melhoria das habilidades pessoais (Borges, 2005). A autora ainda ressalta que a avaliação do estresse vai depender parcialmente da disponibilidade percebida dos recursos sociais, mas especificamente representados pelas redes sociais, pela integração social e pelo apoio social.

Lazarus (1991) in Borges (2005) define dois tipos de avaliação dos eventos estressores: a avaliação primária e a avaliação secundária. Na avaliação primária esta inserida a forma como a pessoa avalia a severidade do estressor, podendo ser classificado como um desafio, como uma ameaça ou como um perigo/perda. A percepção do estressor como um desafio ou ameaça será seguida por tentativas de enfrentamento que são dirigidas ao futuro; entretanto, a avaliação de um perigo/perda é seguida de esforços imediatos que se baseiam em referências passadas, de modo que as

estratégias de enfrentamento utilizadas em ambos os casos vão diferir. Nesta avaliação estão presentes as informações ambientais.

Já a avaliação secundária refere-se à estimativa que o indivíduo faz de seus recursos para lidar com o estressor, desencadeando recursos pessoais do indivíduo, assim como suas competências, crenças e metas, mas também fazem parte das informações ambientais sobre a disponibilidade dos recursos sociais e financeiros.

Borges (2005) ressalta que a complexidade de episódios estressantes inseridos nos contextos sociais revela que o enfrentamento humano não pode ser reduzido à análise de suas formas primitivas, como as respostas de luta/fuga, porque depende da perspectiva da época das demandas e da certeza subjetiva dos eventos.

Buscando entender melhor as estratégias de enfrentamento Lazarus e Folkman (1984) criaram o “Modelo de Processamento de Estresse e Enfrentamento” que compreende as seguintes idéias: o enfrentamento é um processo orientado que não um traço que ocorre na interação entre indivíduo e ambiente, (b) como processo constitui-se na mobilização de esforços e não na automatização de comportamentos e pensamentos, os quais não exigem empenho do sujeito; (c) como esforço na administração de situações estressantes, permite incluir tudo que a pessoa faz ou pensa independente de ser eficaz ou não, o que exclui a noção de resultado; e (d) como administração de situações estressantes, não considera o controle ou domínio mas sim a minimização, a evitação, a tolerância ou a aceitação do evento estressor.

A partir disso, o enfrentamento é definido como os constantes e mutáveis esforços cognitivos e comportamentais utilizados pelo indivíduo para lidar com demandas internas e/ou externas específicas, avaliadas como aquelas que sobrecarregam ou excedem os recursos pessoais.

Cabe ressaltar que as avaliações das estratégias de enfrentamento implicam em interpretações e representações cognitivas do fenômeno percebido e a reavaliação deste em função das mudanças ocorridas na relação com o indivíduo.

A maneira de enfrentar uma situação estressante vai depender de inúmeros fatores, dentre eles a situação particular de estresse, a história de enfrentamento do indivíduo, seus recursos pessoais e sociais ou a vulnerabilidade específica do indivíduo.

Kaluer, Ferring e Phillip (1998) in Borges (2005) propõem a existência de cinco estratégias de enfrentamento: procurar integração social, meditar, minimizar a ameaça, voltar-se para a religião e procurar informação. Segundo os autores a mobilização destas estratégias depende de muitos fatores, dentre eles a situação de estresse em particular, a história de enfrentamento do indivíduo, seus recursos pessoais e sociais e sua vulnerabilidade.

Outro fator importante na escolha do enfrentamento é o aspecto temporal, que pode ser antes, durante e depois do evento, Beeher e McGrath (1992) distinguem cinco situações que criam um contexto temporal particular:

1-Enfrentamento preventivo: é aquele que acontece antes da ocorrência do evento estressante e tem como objetivo construir recursos para uma resistência geral que resulte em menos tensão no futuro, ao se minimizar a severidade do impacto. Neste tipo de enfrentamento a pessoa tem uma vaga sensação de que “algo pode acontecer”, o que motiva a se preparar para “alguma coisa”.

As vivências constantes de situações estressantes mobilizam as pessoas a criarem recursos de proteção. Em algumas cidades, onde a situação de desastre é recorrente, percebem-se comunidades estrategicamente preparadas para lidar com o evento e organizar-se para a reconstrução após o ocorrido.

- 2- Enfrentamento antecipatório: é aquele que acontece em um futuro próximo, e pode ser compreendido como o gerenciamento de riscos conhecidos, o que inclui investigar seus próprios recursos para prevenir ou combater o estressor ou para maximizar um benefício antecipatório. Como por exemplo, tomar um calmante enquanto aguarda uma cirurgia, preparar um discurso.
- 3- Enfrentamento dinâmico: é aquele utilizado como um esforço para lidar com um encontro estressante passado ou presente, ou para compensar ou aceitar um mal ou perda, como por exemplo, desviar a atenção para reduzir a dor crônica, perder o emprego.
- 4- Enfrentamento residual: é realizado muito tempo depois do ocorrido, para tentar resolver seus efeitos de longo prazo, por exemplo, controlar seus pensamentos intrusivos muitos anos depois do acontecimento de um evento traumático.
- 5- Enfrentamento pró-ativo: ele não é precedido por avaliações negativas, como perdas ou ameaças, pode ser considerado como um esforço para construir recursos gerais que facilitem um avanço na direção de metas desafiadoras e de conhecimento pessoal.

Em uma pesquisa realizada por Aldwin em 1993, o autor ressalta que as mudanças nas condições de respostas emocionais dependem da fase de experiência do trauma, das diferenças individuais em avaliar e enfrentar o evento estressor, assim como na forma como o enfrentamento e os mecanismos de defesa contribuem para a sobrevivência diante de situações extremas.

O estudo do enfrentamento e do trauma difere dos outros estressores, pois envolve eventos que ameaçam lesões severas incluindo perdas de vida, iniciando de maneira rápida e frequentemente atingindo um número extenso de indivíduos.

Diante destes aspectos e de acordo com a abordagem processual de entendimento do enfrentamento, Smith (1983) descreve quatro etapas referentes à adaptação e estratégias de enfrentamento empregadas na situação de trauma. O primeiro momento, denominado de heróico, aparece logo após a ocorrência do evento e, geralmente, é caracterizado pelo comportamento de altruísmo. A segunda fase, chamada lua-de-mel, consiste na solidariedade social e nos esforços para a organização do local atingido. No terceiro estágio a desilusão pode-se estabelecer, pois algumas pessoas tendem a se retirar das organizações comunitárias expressando sentimentos negativos em relação às ações governamentais, principalmente quando se mostram aquém do esperado e do necessitado. Na etapa da reconstrução, os indivíduos assumem a responsabilidade pela sua própria recuperação e restauração de sua comunidade. Essas descrições obviamente devem ser relativizadas, respeitando as particularidades individuais já citadas anteriormente assim como em termos de sua verificação e interpretação, considerando as diferenças de contexto em que ocorrem os desastres naturais, bem como de sua magnitude.

Solomon et al. (1988) ressalta que o importante papel do suporte social no enfrentamento de situações traumáticas, segundo o autor existe a percepção quanto à recuperação dos quadros de transtornos do estresse pós traumático associada ao suporte social. Os autores ressaltam que a diferença conceitual entre a percepção de suporte social e a existência objetiva deste acarreta em implicações no âmbito operacional. Para Aldwin (1993), o senso de confiar em alguém desempenha função fundamental no enfrentamento do trauma.

Schwarzer e Rieckmann (2002) in Borges (2005) faz uma distinção interessante à luz do apoio social que pode ser definido de várias maneiras que incluem a integração social e as redes sociais. As redes sociais são as bases objetivas que proporcionam a

integração e o apoio social, elas se referem ao grau de relacionamento dos indivíduos e compreendem um senso de pertencimento e de intimidade que permitem o preenchimento das necessidades do indivíduo. Já a integração social, refere-se à percepção objetiva ou subjetiva da estrutura e quantidade de relacionamentos sociais, à densidade das redes e à frequência de interações. O apoio social se refere à função e qualidade dos relacionamentos sociais, o que inclui a disponibilidade percebida ou o apoio social real percebido.

A religião assume um importante tipo de apoio social, à medida que não constitui a solução do problema, mas sim, uma modalidade de ajuda para o enfrentamento de adversidades, amenizando a dor e o sofrimento, diminuindo a ansiedade e a depressão e tornando-os estáveis socialmente (Silva e Moreno, 2004).

A religião tem um papel na formação da família dentro dos preceitos morais e da religiosidade e também de consolo, conforto e acolhimento nos momentos difíceis.

A prática religiosa permite às pessoas interagirem com outras ou em grupo, estabelecendo um contato sistemático, criando vínculos de amizade e pertencimento. Dessa forma, o apoio social recebido manifesta-se “através de um efeito benefício como expressão de saúde para as pessoas que participam das atividades” (Pietrukowicz, 2001).

Contando com o apoio social, as pessoas mudam de comportamento, “aumentam a capacidade de enfrentar situações complicadas e dolorosas, sua auto-estima é evidenciada e descobrem o potencial que têm, e aumentam a possibilidade de uma vida melhor” (Pietrukowicz, 2001 p.22).

Na situação de desastres, famílias inteiras experimentam os efeitos primários do trauma em massa, interrompendo bruscamente o funcionamento familiar. Embora alguns indivíduos sejam mais vulneráveis ao estresse, ninguém está imune a sofrer em



situações extremas. Aqueles que sofrem e lutam para se recuperar após uma experiência traumática, muitas vezes passam por transformações extraordinárias e crescimento positivo.

Tedeschi & Calhoun (1999; 2006) citados por Wash (2007), descrevem em seus estudos sobre o crescimento das pessoas após a vivência do trauma, cinco áreas de mudanças individuais positivas:

1. A emergência de novas oportunidades e possibilidades;
2. Relacionamentos mais profundos e maior compaixão pelos outros;
3. Sentir-se fortalecido para os futuros desafios da vida;
4. Prioridades reordenadas e maior apreciação da vida;
5. Espiritualidade aprofundada.

Quando a capacidade de um sistema, comunidade ou sociedade potencialmente exposta a um desastre natural se adapta por resistência ou mudança a fim de alcançar e manter uma estrutura e um nível de funcionamento aceitável, ela é definida como resiliente. Isto é determinado pelo grau em que o sistema social é capaz de organizar-se para aumentar sua capacidade de aprender com desastres passados, para melhorar a proteção futura e aperfeiçoar medidas de redução de riscos (Fávero, 2005).

“Resiliência é a capacidade de reagir à adversidade, ficar mais forte e com mais recursos. É um processo ativo de resistência para suportar e reagir aos desafios da vida”  
(Wash, 2003 p. 4).

Os efeitos do trauma dependem em grande parte da procura das pessoas atingidas por conforto e segurança. A necessidade de confiar e de ser correspondida por pessoas com as quais se tem uma forte conexão pode promover a diminuição do sentimento de insegurança, impotência e falta de sentido à vida. Denota-se que épocas de grandes

tragédias podem trazer à tona o melhor do espírito humano; pessoas comuns mostram uma coragem extraordinária, compaixão e generosidade ao ajudarem parentes, vizinhos e estranhos a recuperarem e reconstruírem suas vidas (Wash, 2007).

O sentimento de universalidade gerado com a instalação de um evento traumático, onde comunidades inteiras sofrem com a destruição, aciona mecanismos internos de identificação que permitem reforçar os recursos de enfrentamento coletivo das comunidades.

Na pesquisa realizada por Krum (2007) com as famílias afetadas pelo tornado ocorrido em 25 de agosto de 2005 no Município de Muitos Capões, no Estado do Rio Grande do Sul, a estratégia de enfrentamento utilizada pelos membros da comunidade afetada e pelos integrantes das equipes de coordenação e execução do trabalho foi o suporte social. Segundo Krum (2007); este aspecto se configura provavelmente por dois motivos: os sobreviventes invariavelmente se engajam em interações sociais após o evento que acabam resultando, na maioria das vezes, em algum tipo de apoio social; e pela inerente necessidade de auxílio imposta pela situação de destruição, injúria e possível risco de vida que um fenômeno deste tipo revela.

Ackerman (1986) atenta para o fato de que em qualquer ponto do tempo e do espaço, o indivíduo é o receptor de uma experiência grupal. Sua identidade, desenvolvimento e reação são simultaneamente individuais e sócias. Dentro desta perspectiva Foley (1990) afirma que um evento é sempre resultado de uma interação dentro de um sistema e por isso não pode ser entendido isoladamente. A análise de um evento traumático deve englobar o indivíduo dentro do grupo bem como o próprio grupo.

O trauma que afeta o indivíduo, a família e a sociedade deve ser considerado como um *continuum*. Neste sentido, o desastre natural deve da mesma forma, ser entendido

como uma violação do equilíbrio do sistema como um todo, não podendo uma compreensão global prescindir da visão da comunidade atingida em seu contexto (Krum, 2007).

O evento traumático pode ameaçar a existência de uma comunidade, seu foco, propósito e metas; pode aumentar ou diminuir os laços da comunidade. Eventos traumáticos podem ter diferentes resoluções. Se a extensão de perdas for grande e envolver um grande número de mortos ou feridos, a tragédia pode afetar vários segmentos da comunidade. Em tragédias que envolvem deslocamento ou realocação maciça, desempregos a longo prazo, ou destruição de propriedades, a catástrofe pode mudar a identidade e até a estrutura da comunidade (Williams e colaboradores, 1999). Dentro desta perspectiva, o capítulo a seguir abordará algumas peculiaridades do processo de luto decorrente de situação de desastres, que deixa muitas pessoas subitamente enlutadas, seja por suas perdas familiares, perdas de bens ou até mesmo perda da identidade.

---

*PROCESSO DO LUTO POR DESASTRES*

---

No presente trabalho a vertente utilizada para compreender a vivência da pessoa envolvida em uma situação de desastre natural será o luto, que é entendido como uma reação normal e esperada para o rompimento de vínculos e que tem como função proporcionar a reconstrução de recursos e viabilizar o processo de adaptação às mudanças ocorridas em consequência do desastre (Bromberg, 1998; Parkes, 1998 e Franco, 2002).

Para compreender de forma integrativa como se dá o processo de elaboração do luto nas situações de desastres naturais utilizarei o conceito de Modelo Dual do Luto (Stroebe e Schut, 1999/2001), que oferece um novo olhar sobre o fenômeno do luto, buscando uma ampla compreensão de como as pessoas se adaptam após a perda.

Este modelo parte do princípio que o trabalho de luto é uma adaptação a um modelo operativo interno que acontece por meio da oscilação entre o enfrentamento orientado pela perda (maneira como o enlutado lida com a perda, trabalhando seus aspectos) e o enfrentamento orientado para a restauração (reorganizar a vida e desenvolver novas identidades).

No Modelo Dual esse movimento de oscilação é o resultado normal do processo de luto, é um processo regulatório, dinâmico e fundamental para o enfrentamento adaptativo; quando a pessoa enlutada descobre que muito do passado continua a ter importância no planejamento futuro.

Strobe (2008) citado por Mazorra (2009) aponta que o processo de enfrentamento do Modelo Dual do Luto deve focar não somente o modo como as pessoas lidam com a perda, evitando medir seus sintomas.

Mazorra (2009) afirma que a oscilação deve ser observada, levando em conta todos os fatores envolvidos no processo de luto, como: contexto sociocultural, as

circunstâncias da morte, dinâmica familiar, relação com o falecido e recursos do enlutado para o enfrentamento.

Esse modelo permite que o enlutado possa entrar em contato com a dor da perda, mas também permite que ele se volte para os aspectos do seu cotidiano, significando e transformando a sua relação com o que foi perdido.

A vivência da perda é única e singular e depende dos significados atribuídos pelo enlutado; neste sentido, compreender as fases, tarefas e trabalhos do luto é importante desde que os conceitos não rotulem ou limitem a expressão e a diversidade das reações relativas à perda.

As perdas não estão necessariamente ligadas à morte; autores como Fonseca (2001), Kovács (1996), Pine (1996) e Parkes (1998), ressaltam outros tipos de experiências que envolvem perdas, tais como: separações entre vivos, perda da saúde advinda da instalação de uma doença, o desenvolvimento humano como forma de evolução à morte, a morte psíquica, a perda de bens materiais ou posses, entre outras.

A vivência emocional do luto não se dá de forma linear, existem diferenças entre as pessoas, e nem todos os sintomas e nem todas as fases do luto são vivenciados por todas as pessoas da mesma maneira. A intensidade do pesar e a duração de cada fase são muito particulares e dependerão de uma série de fatores relacionados a cada indivíduo. Neste sentido, Bromberg (1994) ressalta, que não se deve fazer afirmações definitivas e classificatórias a respeito da descrição das fases pelas quais se dá o luto, pois tais fases não seguem necessariamente uma sequência e devem ser compreendidas como padrões de comportamento e não como fases cronológicas. Neste sentido Bromberg (1994) descreve que as fases têm sua sucessão natural e que permite refletir sobre seu curso tomado pelo luto sem complicações:

1- Entorpecimento: é a primeira reação encontrada em sobreviventes de uma catástrofe e perda por morte; nesta fase ocorre choque, entorpecimento e descrença. A duração pode ser de poucas horas ou de muitos dias. A pessoa recentemente enlutada se sente aturdida, atordoada, desamparada, imobilizada e perdida. Há também possíveis evidências de sintomas somáticos como: respiração suspirante, rigidez no pescoço e sensação de vazio no estômago. A negação inicial da perda pode ser uma forma de defesa contra um evento de tão difícil aceitação, estando também presente nesta fase a tentativa de automaticamente continuar vivendo como antes.

2- *Anseio e protesto*: fase de emoções fortes, com muito sofrimento psicológico e agitação física. À medida que se desenvolve a consciência da perda, há muito anseio de reencontrar a pessoa morta, com crises de profunda dor e espasmos incontroláveis de choro. Apesar da consciência da perda irreversível, o desejo de recuperar a pessoa às vezes é insuperável. Há momentos em que a pessoa tem a viva sensação da presença do morto. Aquilo que não tem relação com o morto tem pouco significado. A pessoa se mostra afastada e introvertida. Também é comum que o enlutado sinta muita raiva, às vezes dirigida contra si mesmo, na forma de acusações com sentimentos de culpa por pequenas omissões e cuidados que possam ter acontecido. Às vezes dirigida contra outras pessoas, principalmente àquelas que oferecerem ajuda e consolo; a raiva também pode ser dirigida ao morto, pois a abandonou.

Parkes (1998) ressalta que a manutenção e a impressão de que a pessoa perdida está por perto, embora não possa ser vista ou ouvida, contribui para amenizar a dor do luto.

3- *Desespero*: com a passagem do primeiro ano de luto, o enlutado deixa de procurar pela pessoa perdida e reconhece a imutabilidade da perda. O enlutado duvida que qualquer coisa que valha a pena na vida possa ser preservada, assim, instala-se a

apatia e depressão. O processo de superação é lento e doloroso. É comum que ocorra o afastamento das pessoas e das atividades, falta de interesse em envolvimento de qualquer espécie, inabilidade de se concentrar em atividades rotineiras ou para iniciar atividades. Os sintomas somáticos ainda persistem nesta fase.

4- *Recuperação e restituição*: a depressão e a desesperança começam a se entrelaçar, com frequência cada vez maior, a sentimentos mais positivos e menos devastadores. A pessoa enlutada pode aceitar as mudanças em si e na situação. Vem daí uma nova identidade, que lhe permite desistir da idéia de recuperar a pessoa morta. Dá-se o retorno da independência e da iniciativa. Apesar da instabilidade ainda presente nos relacionamentos sociais, nessa fase, o enlutado busca fazer novas amizades e reatar antigos laços, o que só será possível, quando se afastar cada vez mais das lembranças da pessoa morta. Mesmo com o processo de recuperação ainda em andamento, é comum a volta de sintomas que haviam cedido, particularmente em datas que ativam lembranças, como aniversário de nascimento, de morte, de casamento.

Bowby (1969/1990) afirma que o processo de luto implica duas mudanças psicológicas: reconhecer e aceitar a realidade; experimentar e lidar com as emoções e problemas que advêm da perda. Estas mudanças levam tempo e dependem das condições que irão favorecer ou prejudicar a elaboração da perda.

Worden (1998) ressalta quatro tarefas do luto, pelas quais o enlutado passa para poder restabelecer o equilíbrio após a perda:

1. Aceitar a realidade da perda;
2. Elaborar a dor da perda;
3. Ajustar-se a um ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu;
4. Reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a vida.



Dentro desta perspectiva, podemos pensar que uma pessoa que passa por um rompimento brusco dos seus vínculos precisa, inicialmente, entrar em contato com a dura realidade da perda, permitindo-se sentir a dor da ausência, elevando recursos de enfrentamento para adaptar-se a um novo ambiente, resignificando sua perda para continuar a vida.

Casellato (2005) ressalta que o processo de luto é necessário na medida em que nós precisamos dar sentido ao que aconteceu em nossas vidas e retomarmos o controle sobre nós mesmos, sobre o mundo e sobre as relações afetivas.

O luto não é um estado estático e sim um processo, é um tempo de elaboração e transformação que atinge os indivíduos e os grupos, desestruturando-os pela falta, confundindo os remanescentes e desestabilizando seu funcionamento (Bromberg, 1998).

As vivências de perda despertam muitos sentimentos, tais como a angústia, solidão e medo, carregados de sofrimento, dor e tristeza e muitas vezes se faz necessário um tempo para elaboração. A estrutura que conhecíamos sofre uma ruptura, sendo necessário tempo para que possamos dar sentidos a essa experiência em nossas vidas.

Para Bowlby (2001), quanto maior o investimento no objeto perdido, maior a energia necessária para o desligamento.

Hodgkinson & Stuart (1998) ressaltam que as perdas repentinas, inesperadas ou fora de hora, acrescidas de muito sofrimento ou que ocorreram de forma aterrorizante são as que representam maiores riscos para uma má resolução.

Os autores distinguem três tipos de perdas fora de hora:

- 1- As *perdas prematuras*, como as perdas de crianças e de jovens, que provocam uma inversão no ciclo vital, causando perdas contrárias à natureza do que é esperado;

- 2- *As mortes inesperadas*, que ocorrem repentinamente e não podem ser previstas;
- 3- *As mortes calamitosas*, que não são só imprevisíveis, mas violentas, destrutivas, sem sentido e degradantes.

Dentro desta perspectiva, podemos pensar que na situação de desastre o enlutado pode reunir todos os três elementos.

Williams e colaboradores (1999) apontaram que no caso do trauma e do luto individual, quanto mais inesperada e repentina é a perda, mais séria e desafiadora se tornam as habilidades para lidar com essa situação.

A situação de desastre provoca inúmeras reações nas pessoas envolvidas, assim como uma sucessão de perdas, o que impossibilita prever o tempo de que as pessoas traumatizadas necessitam para se recuperar. Existem alguns fatores que podem contribuir ou impedir a recuperação destas pessoas, como a existência de um sistema de apoio dentro e fora da comunidade envolvida, o que ressalta a importância de um apoio psicológico especificamente dirigido a estas pessoas (Franco, 2005).

Experimentar perdas múltiplas ou testemunhar a morte tem sido correlacionado a níveis altos de intensidade do luto. Sentimento de impotência e de desamparo, culpa do sobrevivente, ameaça de perda da própria vida, confrontação com mortes em massa ou mortes chocantes, mutilações de outros e violação do mundo presumido de segurança e de significado do indivíduo são fatores traumáticos que podem impactar a habilidade de resolver o luto (Shear, 2009).

O luto por desastre é caracterizado como um evento disruptivo na vida das pessoas envolvidas, provocando um estado de desequilíbrio e exigindo que desenvolvam novas respostas para lidar com a situação, podendo isso ocorrer de forma

saudável ou provocar distúrbios. Quando o luto se prolonga ou quando ele é devastador, pode se tornar traumático.

Uma característica particular das situações de luto traumático é o golpe na idéia de segurança e na confiança das pessoas, acompanhado dos altos níveis de raiva e culpa - complicadores do luto. A culpa pode aparecer relacionada ao fato de ter sobrevivido enquanto outras pessoas morreram, ou irracionalmente ligada à incapacidade de salvar o outro – e quanto mais persistente, maior a dificuldade de elaboração do luto. A raiva pode surgir na forma de vingança, o que é extremamente prejudicial ao processo de luto, à medida que mantém os sobreviventes em constante foco na perda (Grégio, 2007).

As consequências de um processo de luto mal elaborado podem fazer com que a vida do indivíduo fique estagnada e traga-lhe sérios comprometimentos ao desenvolvimento emocional. (Parkes, 1998). Mortes repentinas e inesperadas, perdas múltiplas, mortes violentas e mortes envolvendo ação humana (suicídio, assassinato etc.) representam um risco especial para a saúde mental, mesmo na ausência de vulnerabilidade. As perdas múltiplas e simultâneas são mais traumáticas do que perdas isoladas. Neste sentido, a situação de desastre pode minar as redes de apoio das quais precisamos, nas quais confiamos nossa segurança, pois mesmo aqueles que nos oferecem apoio podem se encontrar em risco. As pessoas que testemunham a situação de desastre ou sobrevivem a ela têm mais risco de apresentar TEPT, podendo coexistir ou complicar o curso do luto. A intensidade, o alcance e as características de um desastre variam largamente e influenciam o dano psicossocial e o tipo de resposta necessária (Parkes, 1998).

O luto traumático traz um grande impacto sobre a identidade e a capacidade de enfrentamento do enlutado, gera a permanência da reação de estresse e a incapacidade de adaptação à nova situação, conseqüentes da severidade do evento, o que não pode ser

elaborado fácil e rapidamente. A incapacidade de adaptação do enlutado leva a uma reação de alarme mais longa, com a persistência de lembranças dolorosas interferindo no trabalho de luto (Grégio, 2007).

A rede de apoio social é um fator importante a ser observado quanto ao prognóstico de elaboração do luto traumático, pois em algumas situações de desastres pode-se perder toda a rede, o que interfere drasticamente no processo de elaboração, eliminando a possibilidade de busca de fontes de apoio externo.

Shear (2009) ressalta que o luto traumático é como uma doença física, considerando que uma doença não é uma característica da pessoa e sim um estado na qual ela se encontra em um dado momento e muitas doenças são tratáveis. Neste sentido, pensar no luto traumático é pensar na possibilidade do enlutado se beneficiar do apoio e da assistência da família e dos amigos, como também do tratamento de um profissional treinado.

Como discutimos anteriormente, a situação de desastre deixa as pessoas subitamente enlutadas, não somente as pessoas que vivenciaram perdas por mortes, mas também aquelas que perderam suas casas, seus pertences, ou até mesmo sua segurança no mundo que conheciam; neste sentido é preciso ter um espaço social para enlutar-se frente a esta intensa desorganização, mesmo diante da sensibilização que as vítimas fatais nos mobilizam.

Por vezes, nós sensibilizamos mais pelas perdas por mortes e com isso não consideramos importante o sentimento das pessoas enlutadas por outros tipos de perdas, ou ainda, a própria pessoa sente sua perda como “menor”, não se permitindo vivenciar e compartilhar sua dor, já que “pelo menos está viva”, quando tantos outros morreram.

Doka (1989) afirmou que existem circunstâncias nas quais as pessoas experimentam uma perda, mas não tem seus direitos, papel ou capacidade de pesar,

reconhecidos socialmente. Nesses casos o luto não é reconhecido e a pessoa que sofre uma perda tem pouca ou nenhuma oportunidade de enlutar-se em público. O luto não reconhecido pode ser então, definido como aquele que as pessoas experimentam quando ocorre uma perda que não é ou não pode ser abertamente conhecida, publicamente lamentada ou socialmente apoiada.

O conceito de luto não reconhecido parte do princípio de que as sociedades possuem um conjunto de normas, como “regras de luto”, que especificam quem, quando, onde, como, por quanto tempo e por quem as pessoas devem expressar seus sentimentos de luto e pesar.

Doka (1989) aborda as cinco razões, nas quais isto pode acontecer em nossa sociedade:

- O relacionamento não reconhecido: neste caso o luto não pode ser reconhecido diante de situações na qual a relação do enlutado com a pessoa perdida não é baseada em laços afetivos entre parentes ou ligados a família.
- A perda não reconhecida: neste caso a perda não é reconhecida ou validada socialmente, segundo o autor existe a “perda social”, na qual a pessoa existe, mas é tratada como morta: perdas perinatais, abandonos, rompimentos de vínculos amorosos, perdas sociais, perda de emprego e até mesmo as perdas decorrentes das situações de desastres, dentre outros. Existem também as “perdas psicológicas”, na qual é definida pelas condições em que a pessoa perde a consciência da existência, por exemplo: coma.
- O enlutado não reconhecido: neste caso ocorre quando a pessoa não é socialmente definida como capaz de enlutar-se, quando há pouco reconhecimento do senso de perda e da necessidade do enlutamento. Por

exemplo: doentes mentais, infertilidade, cuidadores, profissionais de saúde dentre outros.

Diante desta explanação, podemos levar em consideração as situações de desastres, na qual o indivíduo que perdeu sua casa possivelmente não tenha o mesmo reconhecimento da sua dor em relação aos indivíduos que perderam seus entes queridos nesta mesma situação de destruição.

- A morte não reconhecida: neste caso a morte representa uma situação de rechaçamento pela sociedade, não se enquadrando nas regras do luto, como por exemplo: morte por AIDS ou doenças que apresentam um estigma social.
- Modo de enlutar-se e o estilo de expressão do pesar não validado socialmente: nesta situação, o enlutado viola as regras emocionais do luto, na medida em que a forma de se expressar não é condizente com o que se espera socialmente nestas situações.

Casellato (2005 p.31) discorreu sobre as idéias acima apontando que

“a cultura não somente impõem as regras do luto, mas também, associada às prévias experiências pessoais do enlutado, influencia a interpretação subjetiva do significado cultural dado aos eventos vividos. Tal influência manifesta-se por meio dos sentimentos expressados, definidos como pesar”.

Neste sentido um indivíduo pode, ele mesmo não reconhecer ou colaborar para o não reconhecimento de seu luto. Tais reflexões nos conduzem à idéia que o luto não reconhecido pode não depender somente da sociedade, mas também do próprio indivíduo que não valida a sua perda e sua dor.

Para Doka (1989) o problema do luto não reconhecido pode ser expresso no paradoxo que a própria natureza dessa vivência exacerba os problemas do luto, mas as fontes mais comuns de suporte podem não estar disponíveis ou não ajudar. Essas situações podem levar a uma intensificação das reações emocionais que encontramos em um processo normal de luto, e apesar das diferenças e da vivência ser singular a cada indivíduo, o não reconhecimento pode intensificar os sentimentos de raiva, culpa ou impotência. As situações de relações ambivalentes com crises acontecendo ao mesmo tempo são identificadas como condições que podem complicar o luto.

A situação de desastre provoca uma intensa crise, na qual pode desencadear problemas financeiros, de habitação, e outros decorrentes da própria reorganização da sociedade, assim como a necessidade de investir na reconstrução da cidade, afetando de forma direta a sociedade. Diante desta realidade podemos encontrar diversas formas de expressão do luto

Para Kauffman (1989) a comunidade é a rede natural de suporte na qual adquirimos o senso de identidade e pertencimento. Assim, umas das consequências do luto não reconhecido, quando a comunidade não provém o reconhecimento e o suporte necessários, podem ser a desilusão e o afastamento da pessoa da comunidade, provocando uma sensação de solidão e abandono.

Diante deste aspecto encontramos também uma rede de apoio fragilizada lidando com suas próprias perdas, daí a importância de levar em consideração os recursos de enfrentamento das pessoas envolvidas, considerando suas formas de manifestação, pois as redes de apoio neste momento podem agir como facilitadores do ou comprometedores do processo de elaboração do luto.

Muitos fatores podem interferir no processo de luto em situações de desastres, sendo fundamental uma atenção especializada em decorrência do caráter traumático, na

qual deixa os indivíduos em situação de extrema vulnerabilidade. A atenção deve-se estender à comunidade como um todo, pois de forma direta ou indireta todos são impactados, alguns perdem seus entes queridos, outros suas casas e outros o sentimento de segurança.

O desastre implica em muitas perdas e dor, os envolvidos muitas vezes sofrem com as consequências do ocorrido e suas características podem trazer sérios impactos na saúde mental dos envolvidos, neste sentido as intervenções psicológicas em situações de emergência se tornam fundamentais uma vez que tem como objetivo restaurar as capacidades adaptativas dos afetados, reforçando os recursos de enfrentamento e facilitando o comportamento resiliente.

No capítulo a seguir explanaremos mais detalhadamente as possíveis formas de intervenção diante das situações de desastre.



*INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS EM EMERGÊNCIA*

---

Com os avanços tecnológicos, a capacidade humana de construir, mas também de destruir provoca com maior, ou menor frequência, sérias alterações nas vidas das pessoas que se vêem afetadas por uma situação de crise ou de emergência. Algumas dessas circunstâncias golpeiam com violência o estado de equilíbrio das pessoas, famílias e comunidades, deixando lastro de perdas humanas, materiais e mudanças de vida traumáticas.

Diante desta realidade, é indiscutível que em situações de emergências, são esperadas reações emocionais muito intensas o que se torna compatível como momento traumático vivenciado. Contudo, a abordagem precoce de qualquer problema de saúde mental é a maneira mais efetiva de prevenção de transtornos mais sérios que costumam a aparecer a médio e, a longo prazo, após um evento traumático.

Na Primeira Guerra Mundial, século XX, têm-se os primeiros dados de intervenções *in situ* com combatentes, nas quais o objetivo era tratar o transtorno por estresse agudo. Já na Segunda Guerra Mundial, foram efetivamente utilizadas as primeiras intervenções psicológicas, realizadas por meio de “desabafo” nos campos de batalha. A partir da década de 70, delinea-se a necessidade de se desenvolverem técnicas mais complexas e programas multicomponentes com a finalidade de tratar sistematicamente as pessoas expostas a experiências traumáticas. Neste mesmo período, a prática assume uma nova configuração, na qual *Debriefing* técnicos passam então a incluir *Debriefing* psicológicos (Paton; Violanti & Dunning, 2000; Stulmiller & Dunning, 2000; Guimarães *et al.*, 2007).

*Defusing* e *Debriefing* são métodos de intervenções psicológico-psiquiátricas que podem ser acionadas imediatamente após a ocorrência de um evento traumático. *Defusing* é uma intervenção breve iniciada imediatamente após o evento crítico (até

24hs) e tem como objetivo diminuir a intensidade de reações, colocá-las em perspectivas, informar sobre o evento, montar uma rede social para evitar que as pessoas envolvidas fiquem isoladas e avaliar a necessidade para prosseguirem um tratamento. Geralmente após a sessão inicial de *defusing* segue-se a aplicação do *debriefing*.

O *debriefing* psicológico é uma entrevista mais aprofundada que objetiva desencadear o processo de integração das vivências traumáticas relativas ao evento, promovendo a recuperação do indivíduo, sua resiliência e crescimento pessoal, assim como aumentar a coesão social e a compreensão do grupo dentro da organização ou comunidade. Pode ser realizada nos dias subsequentes ao evento e em médio e longo prazo (Guimarães et al., 2007).

Na década de 1980, foi desenvolvida por Jeffrey Mitchell a técnica conhecida por CISD (*Critical Incident Stress Debriefing*), como parte de sua teoria geral sobre intervenção em crise e desastres naturais, no princípio instituído como um programa destinado a reduzir o estresse de trabalhadores dos serviços de emergência (Guimarães et al., 2007).

A técnica de CISD consiste em facilitar a expressão de sentimentos e emoções em grupo relacionado à experiência traumática vivida, com o principal objetivo de reordenar cognitivamente, de forma mais adaptativa. A aplicação da técnica pode ser organizada em quatro grandes componentes (Hodkinson & Stewart, 1991 in Guimarães et al. 2007):

- 1) Introdução, onde são apresentados os objetivos, metas e benefícios de intervenção.

- 2) Narração, na qual os participantes relatam os fatos vivenciados e descrevem seus pensamentos e idéias.
- 3) Reação, onde se promove a liberação das emoções associadas à experiência vivida.
- 4) Pedagógica, momento informativo sobre os sintomas comuns do TEPT; normalizam-se as reações, entregam-se materiais informativos acerca de estratégias de enfrentamento ( *coping*), listam-se sintomas.

Jeffrey Mitchell (1983) ressalta que a técnica deve ser aplicada necessariamente por profissional da área da Saúde Mental, para um grupo de pessoas que tenha vivenciado um evento traumático entre as primeiras 24 a 72 horas em sessões de aproximadamente 2 horas de duração (Guimarães *et al.*, 2007).

Segundo o formato e os princípios do CISD, três novos modelos são utilizados como intervenção psicológica em situações de crise e desastre (Guimarães *et al.*, 2007):

- 1) *Debriefing de Dyregrov*, este modelo se focaliza na emergência do evento traumático, na qual considera as experiências obtidas pelos participantes, imediatamente anteriores ao evento. Tenta-se reduzir a probabilidade de ocorrência de sentimentos de culpa, e informações são coletadas sobre o que o participante viu, ouviu, cheirou e provou (Rose & Tehrani, 2002).
- 2) *Debriefing de Raphael*, exploram-se os acontecimentos que levaram até a ocorrência do evento traumático, dando ênfase à preparação ou treinamento dos participantes antes do evento. A proposta visa encorajar os participantes a levarem em consideração os sentimentos dos demais participantes.

3) *Debriefing sobre os Estressores Múltiplos (MSD)*, este modelo é eficaz frente a situações de acidentes e desastres que impliquem em múltiplos contatos realizados pelas equipes de trabalho, por muitas horas e em condições inseguras, com os mesmos longe de casa por um longo período de tempo e com convivência direta com pessoas traumatizadas.

Este último modelo foi projetado para ser utilizado em longo prazo em decorrência da vivência estressante durante um grande período de resolução de um desastre.

Cabe ressaltar que o MDS vem sendo utilizado pela Cruz Vermelha Americana após participação em operações relativas a desastres.

Blythe e Slawinski (2004) ressaltam que a técnica de debriefing de grupo mais recente a ganhar aceitação é a denominada Modelo de TM de Briefing de Resiliência em Grupo adotado pela “Administração Internacional de Crises”, uma corporação estabelecida em Atlanta, EUA. O processo empreendido tenta evitar a “revivência” potencialmente dolorosa de detalhes do incidente enfatizando o uso dos sistemas de apoios sociais individuais preexistentes (familiares, amigos, colegas de trabalho e instituições religiosas, entre outros).

Em uma situação de desastre, por conta da impresibilidade, da ameaça, do dano ou da perda são produzidas emoções muito intensas, tanto para a vítima, quanto para seus familiares e pessoas próximas, inclusive para a equipe que lhe presta atendimento (Sanchez & Amor, 2005).

Em geral, os indivíduos envolvidos em uma situação de crise apresentam-se fragilizados com suas defesas falhas, desativadas, de tal forma que se encontram mais receptivos à ajuda. Muitas vezes, criar um espaço para a expressão e validação de

sentimentos permite ao enlutado ser reconhecido em sua dor, auxiliando-o no processo de elaboração do luto.

A intervenção psicológica em emergência, segundo Franco (2005), procura restaurar ou aumentar as capacidades adaptativas, por oferecer oportunidades para as vítimas avaliarem e utilizarem apoio familiar ou da comunidade; educação sobre perspectivas futuras e oportunidade para os sobreviventes organizarem e interpretarem cognitivamente o evento traumático.

Quanto mais tempo a pessoa demora para receber assistência ou com auxílio inadequado, mais sérios tendem a ser os efeitos da crise, podendo até se tornar irreversíveis. A meta principal da intervenção é ajudar a pessoa a recuperar o nível de funcionamento que possuía antes do evento desencadeante da crise (Werlang *et al.*, 2008).

No Brasil, um grupo de psicólogos com treinamento para atendimentos a situações de luto e emergência enfatiza sua experiência a partir de três acidentes aéreos, ressaltando as considerações sobre a inexistência de dois desastres iguais, o que leva, necessariamente, à flexibilidade na atuação, mesmo que seja pautada em um protocolo (Franco, 2005).

Neste sentido, cabe ressaltar a importância de se ter conhecimento profundo das técnicas abordadas. O profissional deve ter consciência dos aspectos relevantes de sua condição pessoal para este tipo de atividade, identificando suas necessidades de descanso, alívio, até mesmo de afastamento da atividade, pois é um indivíduo em risco (Franco, 2005).

Entender o fenômeno em sua complexidade exige do profissional que trabalha em situações de emergência e crise, sensibilidade, disponibilidade e técnica, pois o

evento causador de desordem para uma pessoa pode não o ser para outra, neste sentido as intervenções psicológicas são recursos importantes no auxílio da restauração psíquica após um evento traumático.

*OBJETIVO*

---



***OBJETIVO***

Este estudo tem como objetivo analisar a vivência do luto de pessoas que passaram por perdas decorrentes de desastres, especificamente as inundações na cidade de Blumenau, Santa Catarina, em novembro de 2008.

*MÉTODO*

---

## *MÉTODO*

### **8.1 - Pesquisa**

A presente pesquisa é um estudo qualitativo, que busca compreender a experiência vivida pela perspectiva do participante, relacionando o advento e a transformação como construções humanas significativas (Minayo, 1992; Triviños, 1995). Neste tipo de estudo, o pesquisador busca compreender o significado que o indivíduo atribui a um fenômeno.

A pesquisa qualitativa é caracterizada por ser fonte direta de dados, por serem o ambiente natural e o pesquisador, um instrumento fundamental na observação do fenômeno; pelo caráter descritivo, pela importância dada ao significado que o sujeito dá aos fenômenos de sua vida, por ter um enfoque intuitivo e, finalmente, pelo enfoque no processo e não somente nos resultados e no produto (Triviños, 1995; Turato, 2005).

### **8.2 - Local**

A pesquisa foi realizada na cidade de Blumenau, Santa Catarina, na moradia dos participantes, que eram ou casas alugadas com o auxílio financeiro da Prefeitura Municipal de Blumenau ou moradias provisórias administradas pela Secretaria Municipal da Assistência Social, da Criança e Adolescente – SEMASCRI.

### **8.3 - Participantes**

Participaram desta pesquisa cinco pessoas, maiores de 21 anos, que estiveram presentes na calamidade de 2008 em Blumenau, SC e atualmente residem em moradia provisória ou recebem a renda aluguel e que apresentam laudo de interdição de residência, impossibilitando a família de retornar a ela.

### Descrição dos participantes:

Identificação	Idade	Sexo	Tempo de Moradia	Local de Moradia Atual
Odília <sup>2</sup>	39anos	F	22 anos	Casa de Aluguel
Ellen	54 anos	F	14 anos	Casa de Aluguel
Iris	51 anos	F	13 anos	Moradia Provisória
Jonas	45 anos	M	20 anos	Moradia Provisória
Norma	32 anos	F	1 ano	Moradia Provisória

O acesso aos participantes deu-se a partir da autorização da Secretária Municipal de Blumenau, após obtida a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (parecer nº 016/2010). Após as devidas autorizações a pesquisadora entrou em contato telefônico com a diretora geral das moradias provisórias, para contatar os participantes.

A pesquisa foi realizada na moradia dos participantes, com horário pré-estabelecido, tendo sido a pesquisadora acompanhada pela educadora social da Secretaria Municipal da Assistência Social, da Criança e Adolescente – SEMASCRI, a qual mantém contato direto com os participantes selecionados para a pesquisa.

Os participantes foram devidamente informados sobre a confidencialidade da identidade, da publicação da análise dos dados e da possibilidade de desistir da pesquisa a qualquer momento. Assim sendo, foi solicitada sua concordância em participar, por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Anexo I) e a autorização para gravação das entrevistas em áudio, que posteriormente foram transcritas e analisadas.

---

<sup>2</sup> Os nomes são fictícios, para preservar a identidade das participantes.

#### **8.4 - Instrumento**

A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas semidirigidas com pré-estruturação mínima a partir de um roteiro (anexo II), na tentativa de possibilitar fluência, espontaneidade e organização nos depoimentos, garantindo que aspectos relevantes ao estudo fossem abordados. A entrevista começou com uma questão que a orientasse e o desenvolvimento se deu a partir do que foi trazido pelo participante, segundo recomenda Bardin (1995). Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para análise de conteúdo.

#### **8.5 - Análise dos dados**

O conteúdo das entrevistas foi analisado, utilizando-se procedimentos sistemáticos e objetivos para a descrição do conteúdo das mensagens. Foi utilizado um conjunto de técnicas de análise das comunicações, recomendadas por Bardin (1995), por meio de análise temática ou categorização, a qual possibilitou a transformação dos dados brutos em dados organizados, evitando a descrição em si, possibilitando a reconstrução do discurso por meio de um conjunto de categorias e fornecendo resultados produtivos para análise. As categorias explanadas na discussão e análise surgiram da leitura inicial da entrevista (leitura flutuante), com o objetivo de explorar o material e extrair critérios de classificação, codificação e criação de categorias de significação.

A análise foi construída e fundamentada a partir da revisão de literatura, buscando sempre embasamento e perspectivas para dar sentido à interpretação.

### **8.6 - Considerações Éticas**

A presente pesquisa fundamenta-se na resolução de número 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde que pauta sobre “Pesquisa Envolvendo Seres Humanos”.

Sabendo que o luto pode ser vivenciado de diversas formas, considerou-se que o procedimento é de baixo risco para os participantes e durante a realização da pesquisa não surgiram intercorrências ou necessidade de encaminhamentos.

Para a realização, esta pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC SP (protocolo n° 016/2010) (Anexo III).

*DISCUSSÃO*

---

Diante da realidade e do impacto sofrido pela comunidade de Blumenau com as inundações e os deslizamentos ocorridos em de 2008, pudemos perceber no contato com as pessoas que vivenciaram esta situação traumática, o quanto esta experiência ainda permanece presente nos relatos e no comportamento das pessoas. O sentimento de insegurança é vivenciado em conjunto com a mudança climática, a sensação de vulnerabilidade coloca as pessoas em estado de alerta, mesmo tentando em muitas situações racionalizar e discriminar as vivências traumáticas sofridas com a catástrofe em 2008.

A vivência de um desastre pode deixar marcas profundas na vida das pessoas, pois altera abruptamente o estado de equilíbrio das pessoas, famílias e comunidades, deixando lastro de perdas humanas e materiais, mudando radicalmente a forma de ver o mundo.

Diante da complexidade do assunto e da profundidade do relato dos participantes desta pesquisa, observamos durante as entrevistas, expressões não verbais, mobilizações emocionais (choro, agressividade), variações do discurso que não foram passíveis de percepções nas transcrições, mas que são de importância para a compreensão da vivência advinda do processo de luto; neste sentido as palavras que se encontram em **negrito** dão ênfase ou expressam estas mudanças de entonação e comportamento.

Segundo Bardin (2009) as perturbações da palavra durante uma entrevista podem servir como um indicador do estado emocional subjacente. Os significados, habitualmente exteriorizados verbalmente, também podem ser expressos por comportamentos não verbais, como por exemplo, a expressão facial, a postura e até o silêncio (SILVA, 2009).

Pensando na melhor forma de compreender a vivência do luto em situações de desastre, a discussão e a análise de dados serão apresentadas através de categorias



formadas mediante o agrupamento de “núcleos de sentido” que foram selecionados através dos relatos dos participantes da pesquisa.

Foram observadas as seguintes categorias:

- Contextualização do cenário: o local da pesquisa;
- As vivências dos desastres naturais: quebra do mundo presumido;
- As perdas e o processo de luto decorrente dos desastres naturais;
- Enfrentamento e resignificando as perdas diante dos desastres naturais.

Muitas vezes, as categorias mesclam-se, sendo observado esse entrelaçamento no decorrer da apresentação.

## Contextualização do Cenário: O local da pesquisa

---

No contato com as pessoas da cidade, pudemos perceber que a comunidade encontra-se preparada para as enchentes, adotando um sistema emergencial permanente que minimiza os efeitos danosos dos alagamentos, apresentando diversos planos de auxílio que envolve abrigos, equipes de evacuação dos atingidos, voluntários preparados para as atividades de prestação de socorro e principalmente um sistema de alerta para enchentes, que permite previsões com seis a doze horas de antecedência, o que reduz os danos dos atingidos, e possibilita as pessoas se programarem ou desenvolverem estratégias de atuação aliviando um pouco os desconfortos gerados com a situação de emergência.

Mediante ao histórico de recorrente inundação, em novembro de 2008, Blumenau entrou em estado de alerta; desta vez a tragédia se deu pela somatória de fatores climáticos e ambientais, gerando desmoronamentos que ocorreram de forma inesperada, levando tudo o que encontravam pela frente.

A cidade ficou sob efeito de chuvas constantes, foram 60 dias de chuvas ininterruptos, sendo que do dia 21 ao dia 24 de novembro o volume de água, ultrapassou a marca de 500 milímetros, quando a média é de 110 milímetros em 30 dias.

Com o excesso de água infiltrada juntamente com a enormidade de água das chuvas durante estes quatro dias, foi a combinação perfeita para a ocorrência do desastre. O excesso de chuvas desencadeou deslizamentos na cidade, um terço da população ficou sem luz elétrica, o fornecimento de água tratada foi interrompido e os principais acessos à cidade ficaram bloqueados; a enchente e as quedas de barreiras resultaram em aproximadamente 25 mil pessoas desalojadas e desabrigadas. Para acolher as famílias, a Prefeitura Municipal de Blumenau organizou uma ação

emergencial em 63 abrigos, chegando a atender 5.400 pessoas dentre 1.300 famílias. Outro contingente de famílias foi alojado em abrigos informais e/ou residências de amigos e familiares. Em conjunto com a Defesa Civil e demais secretarias, órgãos, autarquias e sociedade civil; períodos mais críticos do desastre foram vivenciados, no final do mês de janeiro 540 famílias continuavam nos abrigos, muitas tiveram perda total do imóvel, outras estavam com suas residências interditadas.

Com o objetivo de atender à população a Prefeitura Municipal de Blumenau implantou as Moradias Provisórias, iniciando o processo de acolhida das famílias em espaços transitórios e temporários, proporcionando assim a convivência familiar. Essa ação foi fundamental para que as famílias não retornassem para os locais interditados e de alto risco.

O Projeto de Moradia Provisória (2010) tinha como principal objetivo no período da calamidade, a redução das perdas materiais e humanas, em especial, o resgate da perspectiva de reconstrução social e de preservação das organizações domésticas e familiares. Sendo assim, as sete moradias provisórias foram instaladas preferencialmente nas regiões que apresentam um maior número de desabrigados, favorecendo a manutenção e o resgate de seus vínculos comunitários.

Para a inserção nas moradias provisórias as famílias inicialmente receberam o atendimento da assistente social nos abrigos, um dos critérios era apresentar moradia onde constava o decreto de ruas em situação de risco e possuir laudo da Defesa Civil, especificando que a residência ou terreno estavam em área de risco, não podendo ser novamente habitado; além de outros critérios burocráticos a serem cumpridos.

Após a avaliação dos dados era identificada a região em que a família iria residir temporariamente, em qual moradia provisória, avaliando o território e a rede de serviços

utilizados anteriormente, como escola, unidade de saúde, centros comunitários, entre outros equipamentos.

Posteriormente, os assistentes sociais, juntamente com a equipe de coordenação dos abrigos construíram uma planilha com o nome completo das famílias, grau de parentesco, idade e endereço anterior. Esses dados subsidiaram a distribuição das unidades familiares por número de integrantes de cada família nas moradias provisórias, ou seja:

- Uma família com 1 ou 2 membros (solteiros ou casal sem filhos) acessaram uma unidade familiar de 12,5m<sup>2</sup>;
- Uma família com 3 a 6 membros, acessaram uma unidade familiar contendo 25m<sup>2</sup> com sala de convivência, dormitório do casal e dormitório dos filhos;
- Uma família com mais de 6 membros teve acesso a uma unidade familiar com 37,5m<sup>2</sup> contendo sala de convivência, dormitório do casal e dois dormitórios destinados aos filhos;

## A vivência da situação de desastres: quebra do Mundo Presumido

---

A forma como interpretar ou dar significado às vivências traumáticas estão relacionadas às nossas percepções cognitivas, sendo que uma situação de ameaça pode ser suficiente para desencadear uma resposta ao estresse, mesmo que o evento físico não aconteça. Isto é, a percepção e a vivência de cada um é que vai determinar se o evento das chuvas é ou não um estressor.

*“Quando eu vejo chuva e sei que vai começa a chover eu **começo a ficar apavorada.**” (Odília)*

Segundo a literatura a forma de perceber um fenômeno e de reagir a ele, depende de fatores psicológicos individuais (recursos intelectuais, motivações, experiências prévias), assim como os aspectos cognitivos relativos ao fenômeno em si (percepção sobre a possibilidade de controle sobre o estímulo, previsibilidade, intervalo de tempo até a manifestação do impacto), de variáveis ambientais e sociais, entre outras (Bell & cols., 2001, citados por Favero & Diesel, 2008).

Em cada relato desta pesquisa, os participantes puderam transmitir vivências, crenças, percepções, interpretações e formas de enfrentamento de maneira única e singular, mesmo vivenciando o mesmo evento estressor, o desastre natural.

*“Eu tava olhando na minha janela na cozinha, porque ele tinha trabalhado aquele sábado até o meio dia, daí tinha feito almoço para as meninas, eu tinha alugado filme daí nós íamos assistir filme porque tava chovendo demais (...), tava assistindo filme com a família toda (...) daí começou **dar uns barulhos lá para cima, daí a gente subiu, viu aquele barulhão** (...) o muro tava se abrindo todo, aí eu lá ajudando a mulher, porque a mulher tava apavorada (...) foi questão dele, do meu filho,*

*puxar ela e aquele muro estourou; era para ela ta morta, que era muito concreto, (...) daí já veio a parte da casa da outra vizinha por cima (...) daí vou lá ver as meninas aí cheguei lá em baixo peguei elas, (...) aí quando disse filhas vamos lá para cima, vamos fica lá em cima com a mãe, lá a garagem, é mais seguro, **a gente viu as coisas caindo, três metro que eu subi da minha casa só escutei um barulho quando olhei para trás minha casa tinha descido tudo ai veio a do vizinho e levou tudo.**” (Odília).*

Durante toda a entrevista Odília demonstrou-se muito preocupada com a família, principalmente com a união e o cuidado, ensinamento este transmitido por seus pais e enfatizado por ela durante todo o seu discurso. Podemos perceber que com a tragédia a segurança quanto à proteção de sua família foi fortemente abalada, mesmo acreditando que o lugar mais seguro em épocas de chuva seria sua casa.

O desastre desencadeou sentimentos de insegurança em virtude da maneira violenta que ele atingiu a vida dos participantes, provocando diversas perdas em um único evento traumático.

*“A defesa civil já tirou nós de casa dez dias antes da catástrofe (...) daí eu fui para a casa da minha amiga (...) **as minhas coisas que eu tinha, as mobílias as coisas foi lá para a capela né, a defesa civil levou para a capela, daí lá também o morro derrubou uma parte da capela (...) então a gente acabou perdendo noventa por cento das coisas o que sobrou tá aqui (...)** eu sei que me deu uma choradeira (...) T. me disse assim então você vai fica lá em casa tranquiliza lá em casa tem comida não te preocupa (...) no dia vinte e dois aí a T. disse assim E. eu tenho uma casa em Navegantes (...) vocês podiam morar lá, ela disse vocês cuidavam da*

*casa lá para mim (...) naquele dia tinha reunião na cidade eu sai meio dia, aí tirei minhas coisas que tava no quarto que tava dormindo, porque pensei meu Deus tá descendo tanta lama ali do lado do quarto, será que vai entra lama aqui dentro ainda (...) daqui a pouco na cidade despencou chuva, chuva (...) quando chegou lá na casa da T. (...) a lama passa assim pela janela, pela varanda dela, aí a gente só via as coisas descendo as coisas dela e minha, daí eu lá meu Deus minhas caixas de linha tão indo tudo embora e agora onde tá a T. (...) T. tá tendo um enfarte o pessoal ali tá acudindo ela,(...) me sentei na cadeira (...) e fiquei olhando eu não tava acreditando o que eu via (...) de onde tá vindo essa lama, as minhas coisas tudo lá (...) não podemos fazer nada é deixar a água baixar (...)tu só escutava árvore caindo, casa caindo, poste caindo, gente gritando, cachorro gritando, misericórdia.” (Ellen)*

No discurso de Ellen, fica claro o quanto o desastre desencadeia uma sucessão de perdas, levando a mesma a buscar recursos de enfrentamento através da religiosidade e da fé, para suportar a dor e o sofrimento vivenciado no momento da catástrofe.

*“Naquele dia parece que assim por dentro ia acontecer alguma coisa (...) aquele aperto, me deu aquela coisa ruim, fiz aquela comida pus na mesa eu nem pode come, não quis. Botei a cabeça no travesseiro e comecei meu Deus, o que que tá acontecendo meu Deus, que essas crianças tudo preocupada, será que tem alguma coisa errada e a gente tá correndo risco meu Deus eu quero que tu me amostre, menina do céu quando eu falei isso a casa deu um estralo (...) parede veio para cima de nós (...) um barrote bateu na minha cabeça me tontiou e eu perdi as duas meninas e só fiquei com o piá, nisso eu digo Jesus aonde*

*eu to porque era tudo escuro né, mas naquela hora para mim parecia que tinha um bico de luz assim um jeito de um foco que me iluminava o que eu queria enxerga eu enxergava (...) nisso minha menina gritou mãe eu to aqui, aquela luz foi e focalizou e eu vi que era ela, ela em pézinha onde eu tinha perdido (...) daí o que eu olhei de novo eu vi que era o meu piá o deficiente visual.”(Iris)*

*“Daí eu gritei Jesus segura essa laje Jesus, segura, não deixa ninguém morrer, eles acabaram de passa assim, ela caiu (...) daí aquele homem veio e botou a mão em cima de mim parece que ele me tiro aquele nervosismo que eu tava sentido né, aquela angústia ele me tiro, parece que aquilo me (...) daí ele disse assim calma, calma não morreu ninguém, digo eu to com a menina disse, mas ela não morreu.” (Iris)*

*“(...) Daí nessa altura eu nem me lembrava dele, me lembrava só das crianças (...) digo falta o J., disse ele J. é seu marido, sim, daí eu digo, mas ele tava no piso de cima de certo ele veio com as coisas de cima né, mas ele foi fácil porque ele tava com o braço de fora, só que ele não viu nada. Daí o puxaram, ele tava dormindo né, e diz ele que ele tava sonhando com o desmoronamento, mas de certo era a casa que tava caindo e ele tava muito chumbado, daí quando puxaram ele, ele acordou dizendo o que aconteceu, eu digo olha J. é nós ficamos sem nada.” (Iris)*

Podemos perceber no relato de Iris, vivências e principalmente recursos de enfrentamento importantes que se entrelaçam: a religiosidade e a solidão. Seu discurso é carregado da crença de uma força divina que lhe acompanhou durante todo o seu sofrimento e seu desespero em busca de suas crianças, este recurso lhe ajudou a ser forte para enfrentar os desafios. Por outro lado percebemos um movimento muito solitário e



uma fala, que expressa raiva por não ter ninguém para compartilhar o sofrimento ou lhe ajudar nesta situação.

Chama a atenção quando Iris se refere ao marido em seu discurso: *“nessa altura eu nem me lembrava dele (...) ele tava dormindo né, e diz ele que ele tava sonhando com o desmoronamento, mas de certo era a casa que tava caindo e ele tava muito chumbado (...).”* Esta fala se remete a intensificação dos conflitos existentes antes da tragédia, principalmente com relação ao uso excessivo de álcool de Jonas, aspecto este que faz parte da história de vida e de muito sofrimento de Iris.

Cabe ressaltar que a vivência da situação de desastre para Iris vai além do momento ocorrido por apresentar um histórico de desconfiança e ausência do marido no ambiente familiar antes do desastre, despertando em muitos momentos o sentimento de raiva e insegurança quanto ao seu comportamento.

*“Ele sempre bebeu (...) ele gosta de um (...) em casa também ele dizia ah porque eu caí dentro de um abrigo, não é porque em casa ele brigava, ele fazia de tudo para poder ir para os botecos, quando chegou nesse abrigo, menina do céu, eu não sabia mais o que (...) eu ia trabalhar, mas minha cabeça ficava aqui porque eu deixava três e esse homem saía na sexta (...) quer ver o dia que pegava pagamento chegava duro, eu fiquei um ano sustentando as crianças aqui ó, e ele só bebia com os desabrigados aí ó, era só menina, tu não via mais nada era só bebida, e bebida, e bebida, e bebida, ele pensava só em bebida, o que eu já sofri.”*

*(Iris)*

Percebemos que Jonas apresenta uma frágil estrutura emocional com frágeis recursos para enfrentar situações que geram conflitos ou que levam à frustração, manifestando comprometimento na sua autoestima e autoconceito.

Neste o caso, o desastre não foi o desencadeante da dependência química de Jonas, mas sim o intensificador. Cabe ressaltar que, apresentou-se passivo durante toda a entrevista, em diversos momentos Iris, sua esposa, interferiu em suas colocações, expondo o seu vício e suas incapacidades, este movimento me fez pensar na contribuição de Iris para a manutenção do vício, uma vez que Jonas se apresenta ora como vítima, ora como vilão; com este movimento ele consegue se destacar mesmo no ambiente familiar mesmo que seja destruindo a harmonia doméstica, pois não tem espaço para se colocar e ser reconhecido.

Seja em virtude do efeito da substância (álcool) ou não, Jonas vivenciou a tragédia de um ângulo diferente dos outros participantes da pesquisa, pois permaneceu desacordado durante o ocorrido, Jonas não se lembra de nada, acredita que foi atingido por um pedaço de concreto e permaneceu desacordado durante um bom tempo.

*(...) Eu não vi nada, puxaram eu, tava soterrado, metade do corpo, tudo enterrado de terra e na minha cabeça tinha caído essa parte da casa de concreto, se cai em cima da minha cabeça eu já era né, daí me puxava tava enterrado ali, me puxava doía as costa aqui minhas costas cortou tudo, eles puxavam eu gritava pare não, não, até eles me tirando tijolo e terra e madeira tudo de cima de mim, daí me puxaram me punharam lá de pé, depois que eu voltei em si e fui vê, daí disse assim o que que deu, você não tá vendo caiu tudo a casa.” (Jonas)*

Diante da ênfase dada por Iris em sua vivência da tragédia, percebemos que Jonas não valida sua experiência, por não se recordar do ocorrido, possivelmente evitando entrar em conflito com a esposa; não consegue dar importância a sua vivência, não considerando-a, podendo este aspecto interferir no processo do luto, se considerarmos a falta de reconhecimento pela perda.

*“No dia que deu a tragédia, até tava chovendo muito (...) tava assistindo televisão (...) de repente faltou luz eu não tinha noção do que estava acontecendo (...) subir lá em cima no meu irmão para saber que tava acontecendo (...) **ouvia as casas caindo** (...) desci correndo lá em casa e fui dormir certa de que com nós não vai acontecer nada né, pensei e dormi (...) **de repente escutava os gritos do meu cunhado que desceu para buscar nós, que a água já estava quase invadindo nossa casa** (...) posemos uma noite lá (...) porque lá não tinha perigo, mas no outro dia cedo nós resolvemos voltar para casa, tinha medo de deixar sozinho lá, daí voltamos para casa e ainda ficamos lá domingo (...) acabou a água para beber, daí agente catava água da chuva, daí nós decidia se bebia ou fazia comida (...) fui lá no abrigo pedir água lá (...) **o barro quase derrubando a nossa casa e nós não queria sair de lá, derrubou assim a parede ficou cheia de terra e tinha uns buracos de baixo da casa cheio de água, daí os bichos já começaram a invadir né, rato esses mandruvá, daí que fui lá no abrigo daí eles fizeram nos sair da casa, se não nós não ia sair, nós achava que ia para de chover e nós íamos conseguir tirar as terras que caiu da casa, íamos poder ficar lá.**” (Norma)*

Através do comportamento de Norma, percebemos inicialmente uma negação quanto à possibilidade da perda, agindo de maneira defensiva na aceitação da situação; seu comportamento automatizado demonstra sua necessidade de continuar vivendo como antes, não aceitando a realidade da perda. Diante desta situação é nítida a alteração na sua percepção de risco colocando em perigo a sua integridade e de seus filhos.

A maioria dos entrevistados manifestou segurança e sensação de proteção em suas casas, a imprevisibilidade e o potencial altamente destrutivo da tragédia, colocou os participantes desta pesquisa em contato com a incapacidade de controlar as coisas, tornando-os extremamente vulneráveis.

A vulnerabilidade e a fragilidade desencadeadas com o fenômeno das chuvas despertaram nos participantes, sentimentos de insegurança e medo quanto às projeções futuras.

*“Foram trinta e seis anos para construí que a gente ia fazendo aos poucos, fazendo aos poucos, fazendo aos poucos, daí no começo de 2008 tinha sido tudo reformada (...) terminou a reforma em fevereiro e em novembro a gente já teve que sair então a defesa civil veio e disse vocês tem que sair (...).” (Ellen)*

Ellen traz uma frustração muito grande em seu relato, no período da calamidade, já havia conquistado a primeira etapa de seu projeto, a reforma da casa, conseguindo alcançar sua satisfação pessoal, aos poucos Ellen buscava satisfação profissional como a estabilidade financeira, o tempo foi curto e os sonhos conquistados durante os anos de luta se perderam em questão de minutos.

*“Nossa, graças a Deus as coisas tudo dentro de casa eu tinha né, (...) a firma me pagou, (...) aí eu vou comprar um microondas que falta para mim e vou troca de cama, vou compra uma cama box e, mas tudo eu tinha (...) digo agora só falta eu te a casa nova e assim eu pensando comigo né, (...) de certo esse ano a gente começa, aí ele já tinha botado a máquina né, já tinha feito o chão, então **digo agora a gente vai segui, agora não tem mais nada para compra tenho tudo, tinha né (...).**” (Iris)*

Antes do desastre, o mundo presumido proporcionava segurança quanto ao futuro, sendo esta segurança construída no decorrer dos anos, através das experiências, conquistas e realizações. Iris traz uma história de vida permeada por muitas sequelas emocionais com perdas e sofrimento, passou muita dificuldade financeira e trabalhava em prol de conquistar um espaço para cuidar dos seus filhos e netos, possibilitando dar uma vida melhor a eles; atualmente trabalhava em um bom emprego (Correios) e tinha uma estabilidade financeira. Seu discurso traz uma luta incessante pelas conquistas da vida:

*“(...) a minha vida foi sempre lutando com as coisas difícil, então agora foi mais uma, então a minha vida foi toda difícil, não sei o que que tem, que foi toda vida difícil, toda vida lutando e até agora não sei até onde vai, porque foi toda a vida de luta (...).” (Iris)*

*“Já passei por muita dificuldade na minha vida e não morri, agora que a casa caiu eu vou morrer (...) não vou mesmo, agente luta de novo (...) tava dizendo eu acho que eu tenho a vida de cego dos sete gatos.” (Iris)*

Antes da calamidade Iris encontrava-se estabilizada financeiramente, seus projetos estavam caminhando como esperava, mas de uma hora para outra seu mundo presumido foi rompido, exigindo-a a se readaptar a uma nova realidade. Pudemos observar que a forma como Iris tem enfrentado as adversidades da vida tem muito a ver com as suas experiências anteriores.

*“não dá para acreditar que, aquilo lá está tudo de baixo, saber que tudo foi sacrifício nós estávamos pagando o material, pagamos o ano passado o cimento, tá lá de baixo do barro.” (Odília)*

Sonhos, projetos e conquistas se perderam em questão de minutos, provocando uma ruptura brusca na vida dos entrevistados, submetendo-os a viverem uma realidade imprevisível e incontrolável.

*“a gente acha que vai acontecer tudo de novo, embora aqui graças a Deus aparentemente não tem nada estancado, nesse mundo que nós vivemos nada é estancado, aparentemente é um lugar seguro, mas mesmo assim a gente fica com medo, ficou.” (Odília)*

As vivências traumáticas alteraram os esquemas cognitivos de Odília, trazendo fragilidade aos conceitos que antes eram usados como parâmetros; evidenciando uma dissonância entre a realidade do trauma e o mundo presumido. Aos poucos Odília precisa construir um novo modelo de mundo que seja condizente com sua realidade, buscando resgatar seu sentimento de segurança e proteção.

Observamos que com a constante ocorrência de fortes chuvas e possibilidade de alagamentos, a população de Blumenau vivencia repetidas experiências de estresses, internalizando um modelo de mundo, que possibilita compreender suas manifestações diante da possibilidade de perda.

*“Antigamente era só água agora já não, agora é barranco nada é mais firme, não tem mais firmeza, nunca que eu ia imaginei passar por isso que eu passei.” (Iris)*

O processo de reconstrução da vida, após a vivência do desastre foi um momento de grandes desafios, desafios estes relatados em todas as histórias de vida dos participantes desta pesquisa, histórias de trabalho, sofrimento, luta e, principalmente de conquistas; conquistas que se perderam com as chuvas e com os desmoronamentos.

*“(...) Infelizmente três meses depois o sonho foi tudo por água a baixo (...).”  
(Ellen)*

## As perdas e o processo de luto decorrentes dos desastres naturais

---

Analisando as entrevistas percebemos que os desastres naturais, apresentam um caráter rápido de destruição, na qual exige das pessoas a mobilização de recursos internos em busca da sobrevivência. Observamos que este aspecto fez com que os participantes tomassem consciência de sua condição mortal, diante da ameaça real vivenciada com a calamidade.

*“(...) Só ficou a parte de trás assim um pedacinho que era de madeira ainda, porque de resto foi tudo. E bem onde elas tava assim, hoje em dia a gente vai olhar, a gente vê como Deus foi bom com a gente assim, de deixar minhas filhas, porque teve tantas pessoas amigos que morreram que às vezes a gente vê na internet as famílias fazendo homenagem, crianças e pessoas que nunca mais acharam, que tão de baixo da terra sem poder fazer um sepultamento sem poder se despedir (...).” (Odília)*

O discurso religioso de Odília traz em sua essência a aproximação com a possibilidade de perder as pessoas a quem ama; olhar para o local onde suas filhas estavam no dia do ocorrido é entrar em contato com a dor e o sofrimento da perda. Se remeter às perdas da comunidade é possibilitar também elaborar suas perdas, principalmente no que diz respeito ao controle da vida, a segurança e a proteção de quem se ama, despertando sentimentos de impotência, insegurança, incapacidade e vulnerabilidade.

Outro fator que nos chamou a atenção é a importância da concretização das perdas; Odília afirma, ainda, frequentar o local de sua moradia; percebemos que este movimento faz parte do processo de elaboração do luto, a constatação da destruição e da

impossibilidade de retornar ao local que morava faz com que ela entre em contato com a dor da perda, mas também a permite voltar para os aspectos do seu cotidiano, significando e transformando a sua relação com o que foi perdido.

*“Não sei como não matou nós (...) eu nunca pensava em tragédia (...) Meu Deus do céu é só para quem viu. No outro dia o pessoal passava na rua e dizia, meu essa família morreu tudo isso aí, do jeito que tá essa casa ficou soterrada, via aqueles pregos tudo de ponta assim, pedaço de lata para cá e eu tinha uma mesa de mármore tinha pedaço para cá (...).” (Jonas)*

A destruição deixou marcas profundas em Jonas, no entanto a conquista pela sua sobrevivência e de sua família lhe deu forças para enfrentar as perdas ocorridas com a tragédia. Ouvir os relatos das pessoas e constatar a possibilidade de perder mais do que foi perdido reforçou seus recursos internos e serviu de consolo e esperança para ele.

A tragédia não pediu licença para nenhum dos participantes, as vivências do desastre foram únicas, Ellen foi a única participante que teve que abandonar sua residência em virtude do risco que corria ao permanecer no local, mesmo assim, diante das experiências relatadas não foi isenta do tamanho sofrimento e dor pelo ocorrido.

*“Foi terrível, porque a prefeitura dizia vocês tem que sai o morro tá descendo, mas sai para ir para onde, daí a gente já tava sem dinheiro (...) eu dizia gente vamo bota o joelho no chão vamo reza, porque daí não vai dá enchente, (...) daí sai para entregar a maquina, quando eu votei o ônibus já não entrava mais, daí disseram assim o morro lá dentro caiu soterrou duas casas (...), do lado da casa da Sra. tá caindo tudo (...), já tá bombeiro é policia é tudo tão tudo lá dentro tirando as pessoas de casa porque o morro tá descendo e as pessoas tem que sair urgente de*



*lá porque vai cair tudo (...). aí a moça da defesa civil disse a Sra. tem que sai agora (...), já foi entrando encaixotando as minhas coisas, aí eu dizia para o moço, moço deixa isso aí, deixa isso aí (...).” (Ellen)*

Ellen apresentou inicialmente muita dificuldade de entender o que estava acontecendo, negando a possibilidade de perder sua moradia, na qual lutou para conquistar. Ellen demonstrou ser uma pessoa batalhadora e que luta pelos seus ideais; ideais que são estrategicamente calculados de acordo com suas possibilidades; abandonar sua casa é abandonar trinta e seis anos de investimento afetivo e financeiro, é deixar para trás um sonho conquistado e é temporariamente romper com seus projetos futuros, adaptando-se a uma nova condição e buscando forças para reiniciar suas conquistas.

*“O meu sonho era comprar um terreno, comprar um terreno e construí uma casa nova e montar minha facção, meu sonho era minha facção, até hoje ainda não consegui, mas quem sabe um dia eu consigo (...) eu calculava assim, bom 2009 eu vou tá com as dívidas tudo paga quem sabe (...).” (Ellen)*

Constatar que a construção de uma vida inteira se perde com o desmoronamento, provoca uma intensa sensação de vazio, sentimento este observado no discurso de Ellen quando ressalta que sua vida estaria diferente, se não fosse a catástrofe. Esta sensação de vazio também se sobressai no discurso da participante quando a mesma refere-se que após a calamidade teve que abrir mão de algumas conquistas como a separação de seu ex-marido, pois ele precisa de cuidados e não tem a quem recorrer. Apesar de Ellen apresentar bons recursos de enfrentamento, que ela encontra muitas adversidades que a impedem de exercer sua autonomia e buscar novamente realizar seus objetivos.

*“(...) desde a catástrofe não consegui mais trabalhar (...) eu tenho o S. para cuida, que é uma pessoa idosa que vai fazer oitenta e três anos, não dá para deixar ele sozinho que ele liga gás e deixa ligado, liga torneira deixa ligado (...) então é bem difícil de lidar com ele (...) cuidado do S. por caridade (...).” (Ellen)*

A catástrofe trouxe uma série de implicações na vida de Ellen; as conquistas se perderam e precisam ser elaboradas para que a realidade se torne mais amena e possa buscar alternativas para lidar com esta situação.

*“Então hoje em dia eu só dependo das pessoas, dos meus trabalhos manuais que aqui em Blumenau não tem muito valor, que todo mundo faz (...) a parte financeira tá bem difícil (...) o pessoal da igreja ajuda com alimento, ajuda com algum dinheiro, essa semana um rapaz teve aqui então comprou linha para eu fazer crochê para ajuda, me doou seis novelos de lã quarta-feira e aí então to fazendo para, vou fazer esses seis para vê se vendo para tentar arrumar um dinheiro.” (Ellen)*

Após a catástrofe Ellen conseguiu, com o auxílio dos amigos do bairro, alugar uma casa próxima a eles e atualmente recebe o auxílio financeiro da Prefeitura, Ellen reside há muito tempo no mesmo local, seus pais são falecidos e tem dois irmãos que moram em Curitiba. Em Blumenau construiu sua família, casou, separou, vivenciou perdas importantes, assim como conquistas e realizações de sonhos. Em seu relato observamos um forte vínculo com o local onde mora, assim como a importância da comunidade em todos os momentos de sua vida, seja no auxílio financeiro quanto no apoio emocional, hoje ela faz parte da Renovação Carismática onde ministra cursos e ajuda as pessoas.

A comunidade participou e participa ativamente de suas conquistas e de sua vida, auxiliando-a sempre nos momentos de dificuldades.

*“Aqui eu estou perto do hospital, to perto de um monte de gente conhecida, gente que tem carro que tem tudo, quando ele passa mal como é que eu vou fazer com ele sem dinheiro né, é longe então o prefeito disse que ele quer colocar as pessoas o mais próximo possível do local que elas moravam, eu moro aqui há 36 anos os e ele já mora aqui nessa rua há sessenta anos.” (Ellen)*

Para Odília, seu local de moradia conta sua história de vida em Blumenau; lá estão concentrados seus vínculos, seus relacionamentos, sua história de vida. O tempo de residência e familiaridade com o local dá ênfase na importância emocional, no sentimento de segurança e no bem estar que o contato com as pessoas propicia.

*“Eu vim para cá com quinze anos, são vinte e dois anos só ali naquele lugar. Então eu criei meus filhos lá (...) praticamente foi o único bairro assim que eu morei depois que eu vim do Oeste (...), Aqui todo mundo me conhece, desde loja, mercado, farmácia a gente faz compra no mercado desde que morava desde que vim morar aqui eu faço compra com cheque ai com eles, chego lá, quando chego lá eles dizem lá vem a mulher da compra grande quem vai atender, porque a família é grande a compra é grande.”(Odília)*

Diante de todas as perdas ocorridas com o desastre, privar Odília da convivência com as pessoas que gosta e do resgate de sua identidade na comunidade é propiciar mais o rompimento de vínculos que podem interferir no processo de elaboração das perdas advindas da calamidade.

*“Eu disse para eles que quero morar no meu bairro (...) Então já sabe, então a família minha é aqui a vida é aqui, então só vão me tirar daqui quando eu morrer e se quiser colocar em outro lugar em cemitério fora da cidade coloca, mas daqui do bairro eu não saíu (...).” (Odília)*

O apego ao lugar é marcado por afetos e emoções presentes na relação entre as pessoas e os lugares. Para Odília seu bairro garante a satisfação de suas necessidades, afirma os sentimentos de mutualidade, interdependência e pertencimento, tornando significativa a manutenção do vínculo.

Observamos que, tanto Ellen quanto Odília, trazem em seus discursos a comunidade como membro da família, a qual dá o suporte necessário em todos os momentos. Este discurso nos leva a refletir na comunidade e no local de moradia como um local de apego, onde as pessoas se sentem seguras e protegidas.

Na maioria dos discursos percebemos a relação de apego e afeto depositados nas moradias próprias; cada discurso traz a nitidez de um investimento afetivo envolvido nas conquistas e cuidado com seus bens, muito próximos da realização de um sonho; sonho este que foi construído com muito trabalho e determinação. Grande parte dos participantes conquistou seus bens materiais aos poucos, estabelecendo uma relação de cuidado e apego.

Quando nos referimos à perda dos bens materiais, nos referimos também à perda da identidade dos participantes, pois além do investimento afetivo se tem a identificação com os objetos de uso pessoal, caracterizando suas conquistas e satisfações pessoais.

No entanto com o desastre, os vínculos estabelecidos com o local de moradia são rompidos abruptamente, deixando as pessoas enlutadas. As perdas vivenciadas com a calamidade vão além dos bens materiais; bairros inteiros foram destruídos e até os dias de hoje algumas ruas encontram-se condenadas pela defesa civil. A comunidade sofreu

um grande impacto com as perdas materiais e principalmente com a perda do senso de proteção e segurança.

***“Não, nunca imaginei, porque sempre deu chuva e enchente e a gente sempre morou ali e nunca aconteceu nada (...) Quando achei que tinha tudo chegou num piscar de olho perdi tudo (...) Como é que pode tanta casa para cair, foi só a minha é isso que não entendo até hoje.” (Iris)***

Inicialmente percebemos no discurso de Iris sentimentos de revolta e inconformismo diante do ocorrido, principalmente por ser a única casa da rua a desmoronar. Iris é uma pessoa extremamente cuidadosa com suas coisas, gostava de ter tudo novinho e arrumadinho, como era época de Natal havia feito uma compra grande para receber seus parentes.

***“(...) tinha muita compra de edredom, porque era tempo de Natal né, eu sempre me preparava que eu ganhava muita visita de Xanxerê,(...) eu sempre gostava de ter bastante coisa (...) minhas meninas ali tinham muita roupa, eu sempre gostava de apronta bem elas, sempre (...)” (Iris)***

Iris relata que demorou muito para se estabilizar financeiramente e que na época estava tranquila e sem dívidas para pagar, no entanto com o ocorrido ela precisou abrir mão de seu trabalho (renda financeira), para conseguir obter o benefício de sua moradia, uma vez que os órgãos responsáveis pela ajuda comunitária estabeleceram regras salariais relacionadas à renda familiar para o credenciamento e obtenção da moradia própria. Sendo assim percebemos que com a calamidade Iris perdeu seu sustento, seu senso de pertencimento e produtividade, deixando de ser reconhecida profissionalmente.

*“Tô um ano assim desempregada Deus me livre, eles disseram que quem não tem como comprova salário é melhor ainda para fazer o cadastro.” (Iris)*

*“A minha vida foi toda difícil (...) porque foi toda a vida de luta, nunca parei vê que eu tive sete anos no Correio e nunca peguei umas férias (...) eu sou uma pessoa que não gosta de ficar parada e depender dos outros, nunca gostei (...) eu e gosto de ter as minhas coisas, não gosto de depender de ninguém (...), para fazer o cadastro do apartamento eu tive de pedir as contas (...). Tem que ser três salários, lá no Correio eles ficaram indignados quando eu falei para as pessoas, eu tive de sair porque eles não queriam me dar a conta, digo para mi ajuda (...) mas não era isso que a eu queria, digo mas eu perder, eu vou perder lá (...) só que não posso por enquanto fazer esse cadastro não posso assinar minha carteira, porque agora vem da Caixa.” (Iris)*

*“É essa lei porca dele (...), o casal não pode passa de três salários mínimos se não, não consegue (...)” (Jonas).*

*“O nosso por causa de noventa reais.” (Iris)*

*“Não, não consegue não, não consegue fazer isso aí, ela teve de pedi a conta, agora tá desempregada e só eu trabalhando para fazer o cadastro aventura, aventura ganha essa casa” (Jonas).*

O discurso de Iris e Jonas traz à tona o sentimento de raiva, que faz parte do processo de luto e a importância de sua expressão; no entanto com o abandono do trabalho em prol dos benefícios de direito da família, a perda vai muito além do financeiro; se perde a identidade produtiva de anos, assim como o respeito pessoal e profissional comprometendo sua autoestima e, seu autoconceito.

A impossibilidade de voltar ao trabalho é sentida por Iris como falta de reconhecimento social pela perda, pois além de perder tudo que tinha, perdeu-se também a capacidade de ser produtiva e aos poucos conquistar o que se perdeu adaptando-se a uma nova realidade, tarefa esta primordial na elaboração do luto; com esta limitação Iris permanece impotente e dependente financeiramente dos outros, estagnando sua vida em prol de conquistar o que lhe é de direito, direito este que lhe foi retirado com a calamidade.

Este aspecto pode interferir no percurso normal do luto sendo considerado por Doka (1989), como perda não reconhecida, pois com a destruição de uma comunidade, se perde muito mais que uma história social, se perde a identidade social e individual, onde há abalo na autoestima e no autoconceito dos indivíduos atingidos, podendo levar ao luto complicado.

Observamos que um dos primeiros pensamentos diante de uma situação eminente de perda apresentada pelos participantes foi a busca incessante pelos familiares sobreviventes; a necessidade de sentir a presença do outro propicia uma sensação de alívio em paralelo à busca e o reconhecimento de sua identidade.

***“Quando acordei perguntei cadê o resto da piazada, a piazada tão aí, então tá bom foi só o que eu disse daí.” (Jonas)***

Ellen permaneceu durante muito tempo no decorrer da calamidade sem notícia de seu filho, este período foi permeado por sentimentos de medo, insegurança, incapacidade e impotência, sentimentos estes decorrentes da imprevisibilidade da perda.

***“Fiquei onze dias sem falar com meu filho (...) Eu sabia que ele tinha ido para a casa da noiva dele né... Aí eu escutei, aí era quinze para uma da manhã mais ou menos daí eles disseram assim é chega mais uma notícia no bairro do Liston foi soterrada uma vila inteira pensei meu***

*Deus meu filho tá lá e agora, ah ele deve ter morrido também, daí eu comecei a chorar antes do tempo ai T. disse calma E. fazer o que, se soterrou se morreu paciência o que nós vamos fazer não dá para ir para lá mesmo, telefone não tem o que nós vamos fazer, eu fiquei aqui rezando (...) desceu um morro assim é impressionante porque é como aquele morro lá viesse aqui uma vila inteira quinze casas, tu passa lá tá raso parece um campo de futebol (...) no domingo daí eu consegui fala com ele só na outra semana, porque daí veio luz eu consegui bota bateria no meu celular velho né (...) quando veio para cá para casa ele veio assim com problemas, a até hoje parece assim que meu filho não tá bem centrado ainda, porque ele ficou muito desesperado.” (Ellen)*

Ellen passou momentos de muito sofrimento e dor sem notícias de seu filho, a religião e a fé foram recursos importantes para enfrentar os momentos de angústia. Seu filho tem um significado muito importante em sua vida; quando jovem Ellen perdeu uma filha de quadro meses, com problemas de saúde e após essa perda não pode mais engravidar, partindo assim para a adoção.

*“(...) foi amor a primeira vista, ele tinha nove meses era desse tamanhinho assim (...) Ai daí assim tive um amor, um amor tão grande por ele imediatamente assim sabe (...) perguntei para a mãe dele, se você acha que eu vou ser uma boa mãe para teu filho em vez de você levar para o orfanato eu fico com ele (...).” (Ellen)*

*“(...) eu tenho um filho adotivo mas eu amo, dou a vida por ele, porque eu amo assim de paixão, de amor mesmo e acho que mais que a minha filha, então é recíproco (...).” (Ellen)*



Ellen já passou por muitas perdas e muito sofrimento, no entanto a religiosidade sempre esteve presente em sua vida como uma aliada nos momentos difíceis, há três anos Ellen descobriu que seu filho é portador do vírus da hepatite C, e desde então cuida intensamente dele, demonstrando medo de perdê-lo, sentimento este intensificado com a calamidade.

*“(...) Graças a Deus ele não é um menino que não fuma, não bebe é um menino muito de Deus também, se não o médico disse que ele já teria morrido de cirrose (...).” (Ellen)*

Diante da grande destruição ocasionada pela calamidade e a prioridade imediata de suprir as necessidades básicas da comunidade, muitas pessoas não tiveram tempo para elaborar suas perdas; foram obrigadas a ir para casas de parentes ou foram realocadas em abrigos, igrejas, moradias provisórias, sem a possibilidade de escolha, perdendo conseqüentemente a autonomia, independência; tornando-se limitadas e dependentes.

Inicialmente Ellen permaneceu abrigada na casa de uma amiga, que posteriormente também perdeu sua moradia, no entanto foi a única participante que não vivenciou a moradia em abrigos, permanecendo em casa de aluguel após os onze dias de sofrimento.

Percebemos no relato de Iris, Jonas, Norma e Odília, que as perdas fazem parte de um processo contínuo na vida das famílias que residem em abrigos e moradias provisórias, pois para que haja a convivência coletiva se faz necessária a construção de um regimento interno, que possibilite trabalhar a conscientização dos moradores, com base no conceito de coletividade; essas imposições minam o senso de autonomia e independência exercida anteriormente nas residências próprias, propiciando a perda da identidade individual das pessoas acometidas pelo desastre.

*“No começo foi muito difícil para se acostumar aqui (...) agente chegamo aqui não tinha nada (...) e um briga daqui, briga dali ninguém queria cumprir ordem, porque é difícil mesmo né, você chegar num lugar que as pessoas querem ti mandar, e logo que a gente chegou aqui foi assim (...) tinha horário para dormi, horário para tudo.” (Norma)*

*“Eu digo que não existe inferno, o inferno é dentro do abrigo (...) aqui ninguém tem privacidade para nada, nada, sabe que é nada, nada, é pior que um preso, pior que um preso tá no presídio, aqui nesse corredor tem um banheiro eles deixam de fazer necessidades dentro do vaso para fazer fora do vaso, veja bem”(...). Ô se eu pudesse jogar uma bomba nesse barracão para explodi tudo aqui.... um dia veio uma moça e disse Sr. J. não adianta, (...) ponha na sua idéia que tem que ser assim se não o Sr. vai morrer logo.”(Jonas)*

Podemos perceber que o desastre exige que as pessoas aprendam a conviver no coletivo, onde as necessidades individuais cessam em prol das necessidades coletivas, neste sentido entendemos que a adaptação ao coletivo fica prejudicada pela dificuldade em aceitar a realidade que se mantinha anterior à perda de suas moradias.

*“Eu não agüentava mais, eu disse lá não é lugar para se criar uma família (...) eles colocaram em um abrigo lá nos cafundó de Judas (...) gente não tinha mais paz, ai gente do céu eu não gosto nem de lembrar, a gente não é mais do que ninguém, mas tinha pessoas assim que só iam para brigar para beber para se machucaram, a última gota d’água foi um dia que o cara abriu o peito do outro na minha frente perto das minhas filhas, com o facão, isso é lugar para um ser humano viver (...) Como agente cria uns filho lá, não tem jeito não(...) se eles não me*

*ajudar nesse aluguel que to, se fosse a última coisa que pensaria é tornar a voltar no abrigo, eu volto para o meu terreno eu cavo um buraco lá de novo e construo um barraco lá em cima, porque lá eu não quero mais, lá é lugar para gente doido (...).” (Odília)*

A vivência na moradia provisória despertou em Odília sentimentos de medo, insegurança e impotência acrescidos por cenas traumatizantes que atingem diretamente a integridade de seus filhos, não conseguindo exercer sua proteção materna e vivenciando a perda da civilidade.

É fundamental compreendermos o processo de luto de acordo com momento de vida de cada um. A intensidade do pesar e a duração do processo de luto são muito particulares e dependerão de uma série de fatores relacionados a cada indivíduo.

Odília já vivenciou experiências de desastres anteriores relatando que:

*Quando eu morava no Oeste lá tinha muita, da vendaval (...) a casa da minha mãe caiu tudo assim, mas a gente não chegou ficar abalado assim, não sei porque a gente era jovem na época eu tinha quinze anos, então a gente não chegava a ficar abalado (...) caiu vamos levantar, no entanto que em uma semana minha mãe conseguiu levantar a casa dela de novo e, então a gente não se pensava muito nisso e então a gente, hoje em dia não tem condições se eu tivesse condições tu acha que eu estaria pagando aluguel (...) agora tu tem que pensar na família (...) Odília*

A vivência da perda é única e singular e depende dos significados atribuídos pelo enlutado; neste sentido devemos levar em consideração também a fase do ciclo vital evitando compreender o luto através de conceitos que rotulem ou limitem a expressão e a diversidade das reações relativas à perda.

*“Ainda que o que a gente não perdeu muito, agente perdeu, perdi a casa perdi meu terreno, as coisas que agente tinha que não é aquelas coisas (...) mas agora tamo conseguindo de novo até com coisas melhores do que a gente tinha (...).” (Norma)*

O relato acima nos leva a pensar no momento de vida que a participante se encontra, buscando a construção de sua família e seu espaço. Norma foi para Blumenau em 2007 com sua irmã para trabalhar e construir sua vida; mãe de três meninas deixava-as na creche para trabalhar em casa de família. Chegando a Blumenau seu irmão ofereceu sua casa para elas morarem, casa que desmoronou com a calamidade. Segundo Norma seu irmão vendeu a casa por um preço acessível e na época do ocorrido ainda faltavam algumas prestações. Com a calamidade elas perderam tudo o que tinham e foram transferidas de imediato para uma das moradias provisórias da Prefeitura Municipal de Blumenau.

Logo após a tragédia Norma, engravidou de gêmeos de um namorado que conheceu na moradia provisória, ela ressalta que teve toda a ajuda dos educadores das moradias, fez acompanhamento pré-natal e se manteve com o auxílio financeiro da Prefeitura em virtude da tenra idade dos seus filhos.

Em alguns momentos percebe-se na fala de Norma, que a calamidade trouxe algumas perdas, mas também ganhos como a possibilidade de moradia própria e o auxílio da Prefeitura quanto à educação das crianças, uma vez que atualmente ela tem cinco filhos.

Corroborando com a literatura, as pessoas que passam por uma situação traumática ou por um acúmulo de situações estressantes usualmente conseguem dar um significado ao que aconteceu e reduzem seus sintomas nas semanas que se seguem, conseguindo retomar o controle sobre o ambiente e acessar seus sistemas de suporte.

Algumas vezes, os sistemas externos e internos de enfrentamento são suficientes e a pessoa consegue sair do episódio agudo da crise; outras vezes isso não é possível e a pessoa ou grupo familiar vulnerável acaba por não conseguir enfrentar este momento e os episódios de crise tomam maiores proporções. Quando isso ocorre, a pessoa pode vir a desenvolver distúrbios como o Transtorno de Estresse Pós Traumático - TEPT. Gray, Marguen & Litz (2004).

Mesmo após dois anos da tragédia percebemos que as pessoas apresentam sequelas emocionais diante do ocorrido. Segundo os critérios diagnósticos estipulados pelo Manual Diagnóstico e Estático de Transtornos Mentais - DSM-IV (1994), Odília apresenta sintomas característicos do Transtorno de Estresse Pós-Traumático como intenso sofrimento emocional diante da exposição do estressor traumático, as chuvas (Critério A), denota sintomas de re-experimentação do trauma, com alteração em pensamento, percepção, memória e episódios dissociativos em *flashbacks* (Critério B), Sintomas de hiperativação autônoma e excitação, como ansiedade e agitação diante do evento estressor (Critério D), estes sintomas estão presentes desde o evento traumático, compreendendo há dois anos (Critério E) e causam um intenso sofrimento emocional prejudicando-a em seu funcionamento social e ocupacional, sendo recomendada pela sua médica a presença de uma companhia constante (Critério F).

*“Quando começa a chover e a gente tá aqui na área, acho que vai cair tudo aqui na garagem, no entanto que tu vê, agora duas semanas atrás, encheu tudo de novo, aquilo lá apavorou tudo nós, aí eu ligava para o meu marido lá no serviço, porque tava com medo, mas daí ele calma não vai acontecer nada, não dá mais crédito tenho mania de ficar na televisão vendo só coisa ruim, ah não porque eles falaram que até as oito horas vai ter enchente até não sei aonde, o rio vai não sei até quantos*

*metros, daí a eu ligava para ele, mas não vai acontecer nada, e a minha preocupação era que eles estavam tudo trabalhando (...).” (Odília)*

*“Piorou bastante o problema, porque eu já tava de tratamento de depressão, eu tomo Fluoxetina (...) eu tava bem melhor antes da catástrofe, a médica já tinha diminuído a dosagem tudo, depois eu voltei ficar mais ansiosa (...), no entanto que a **minha médica não quer nem que eu ande sozinha, porque tem hora que eu começo a pensar e eu, hoje eu to melhor (...)** mas tinha época que eu saía não lembrava para onde eu tava indo, tinha vez que chegava e parava em frente da minha casa e parava e pensava meu Deus o que eu to fazendo aqui que eu não moro mais aqui né, mas foi complicado, hoje em dia graças a Deus eu to bem só esperando ter um espaço melhor (...) No entanto no abrigo foi uma psicóloga (...) ela disse assim vai procurar uma pessoas para te atender, porque precisa você e suas filhas, porque vocês estão muito abaladas (...).” (Odília)*

A incapacidade de Odília se adaptar à situação traumática a leva a manter uma reação de alerta em momentos de estresse o que faz manter presente lembranças dolorosas que podem interferir na elaboração do luto.

*“(...) às vezes a gente não gosta de pensar na situação assim sabe, a gente que tentar esquecer, porque devido eu também já to passando por uma psicóloga já to tomando tratamento, porque eu tava deixando as minhas filhas apavoradas entendeu, porque elas viram tudo, daí quando eu vejo chuva que vai começa a chover eu começo a ficar apavorada (...).” (Odília)*

Odília apresentava frágeis recursos internos para enfrentar as adversidades, necessitando sempre de um referencial externo para se manter compensada emocionalmente, no entanto em alguns momentos o referencial externo também se encontrava abalo e incapaz de dar suporte e apoio. Percebemos que na situação de desastre os recursos internos são essenciais uma vez que os desastres ninam os recursos e as redes sociais de uma comunidade inteira.

## Enfrentamento e resignificando as perdas diante dos desastres naturais

---

No contato com os participantes e com a população de Blumenau, percebemos que ninguém está inerte ao sofrimento ocasionado pelo desastre; todos participam de forma direta ou indireta, pois há uma ameaça ao nosso mundo presumido, que faz com que nos sintamos inseguros e desprotegidos.

A situação de ameaça permite entrar em contato com sensações desconhecidas; a situação traumática altera nossa percepção, desencadeando comportamentos automatizados. Iris apontou em seu relato, não entender de onde surgiu tanta força para enfrentar a situação de desastre; essa força nos mostra uma reação à situação de extremo estresse caracterizado por um estado de completa mobilização de recursos com vistas para a sobrevivência, que alerta mente e corpo nos colocando em prontidão. Neste momento percebemos claramente o quanto a situação traumática pode alterar a nossa percepção de risco e nosso senso crítico, nos colocando em situação de perigo em prol da preservação do outro.

*“Eles gritavam sai daí I., eu dizia enquanto eu não tira tudo eu não saio, e tu ganha tanta força que você não se lembra nem do medo, você não tem, enquanto você não tira tudo dali de baixo você não sai, de tanta força que a gente ganha (...).” (Iris)*

*“Eu nunca imaginava que eu ia te tanta força, porque eu achava assim ó se eu visse uma casa caindo eu acho que eu corria, eu pensava na minha cabeça, eu corria e deixava a turma lá, mas não a gente ganha tanta força, tanta força que tu não pensa ah vou morrer, não você não pensa em nada.” (Iris)*



Outro fator que nos faz questionar o comportamento de Iris é o instinto materno de proteção, que também pode alterar a percepção de risco em situações de desastre.

Observamos que os desastres provocam traumas individuais e coletivos, famílias inteiras vivem a destruição, o que requer novas formas de funcionamento familiar, provocando mudanças. Com a frequência de inundações na cidade de Blumenau as pessoas passam a desenvolver estratégias de enfrentamento que muitas vezes podem ser consideradas como estratégias de sobrevivência, onde os efeitos cumulativos e a sucessão de eventos traumáticos e destrutivos corroem aos poucos, a idéia de que o mundo é um lugar seguro, onde a perspectiva de futuro é assombrada pela possibilidade da ocorrência de novos desastres.

*“Arrumei umas caixas e deixa eu encaixota o pouquinho das coisas, porque aí Dona I disse aí com dez metro se a enchente chegar a dez metro, dez metro e meio ela encosta aqui no assoalho, aí pensei ai meu Deus ninguém merece agora de novo ir embora, para onde daí, agora que tá pior ainda a situação. E é assim a gente tá aqui até quando não sei, não sei até quando, Deus que ajude que a Prefeitura continue nos ajudando (...).”(Ellen)*

A vivência do desastre fez com que Ellen criasse estratégias de preservação e diminuição dos estragos ocasionados pelas chuvas, neste sentido percebemos que com a repetição do fenômeno as pessoas acionam com mais frequência seus recursos de enfrentamento, recursos estes que podem sofrer modificações com o passar do tempo, devido à efetividade do enfrentamento, alterações de necessidades ou melhoria nas habilidades pessoais.

*“Tava com a casa pronta tudo arrumadinho, aí o pessoal não Dona E. nós vamos ajudar a Sra., nós vamos ajudar, deixa chegar dezembro que*

*todo mundo ganha o décimo terceiro e nós vamos fazer uma vaquinha e a gente vai dar um dinheiro e a Sra. já paga as dívidas, cada um vai dá o que pode, um dá cinco reais outro dá dez, outra aquilo que pode (...) daí não consegui a vaquinha, porque daí todo mundo no desespero, todo mundo ficou sem também, claro que a maioria não perdeu a casa, mas aquele que não perderam a casa tiveram de hospedar parente, daí o dinheirinho que eles também (...).” (Ellen)*

Como já abordado anteriormente Ellen apresenta uma apoio social importante que auxilia no seu enfrentamento, no entanto ao pensar na situação da calamidade, as redes sociais também foram abaladas e, todos de alguma forma necessitaram entrar em contato com seus recursos pessoais, pois as redes sociais também sofreram com as perdas.

Com as constantes vivências traumáticas e o longo prazo para a resolução das situações geradas pela destruição, muitas famílias manifestaram sentimentos de indignação e revolta, reforçando a capacidade de enfrentamento para a resolução dos problemas. Percebemos que a tomada de consciência e a busca dos direitos elevam a capacidade de lutar pela retomada dos sonhos.

*“Eu não pedi nada para ninguém, eu construí, eu comprei, eu paguei, no entanto que eu tenho todos os recibos, eu paguei não foi fácil, não foi, mas foi meu eu comprei, eu não roubei, eu não tirei de ninguém, eu procurei conseguir com as forças minha, do meu marido, dos meus filhos que cresceram e foram começando a me ajudar né.” (Odília)*

*“Eu já até propus para eles se eles conseguissem doarem só o terreno (...), e eu conseguiria fazer a casa, eu assinaria um termo de responsabilidade, eu batalharia e construía a casa para mim e para*

*meus filhos (...) eu vou atrás corro atrás, quero saber, é direito meu, no entanto que já me falaram, até tive um promotor, ele disse assim não é direito do cidadão brasileiro a te um lugar para morar, então vocês tem que correr atrás do que é de vocês.” (Odília)*

No contato com algumas pessoas em Blumenau, percebemos que a cidade se preocupa em desenvolver estratégias de atuação que possibilitam formar redes de apoio preparadas para atuar em situações de emergência, o que torna o indivíduo agente ativo e o auxilia no processo de enfrentamento do desastre.

*“(...) porque eles falaram que até as oito horas vai ter enchente até não sei aonde, o rio vai não sei até quantos metros (...).” (Odília).*

Na nossa percepção é nítido no discurso de Ellen a identificação da comunidade com o seu sofrimento agindo em prol de colaborar e proporcionar o bem estar da entrevistada. Esta percepção é compartilhada com Krum (2007), na qual ressalta que a empatia é um movimento de enfrentamento, uma vez que pode motivar o comportamento pró-social quando a pessoa identifica-se com as necessidades do outro.

*“Aí T. disse E. não ti preocupa fica aqui o tempo que dê (...) eu tenho uma casa, tenho casa sítio do meu falecido pai que eu ganhei lá em Navegantes, vocês podiam morar lá, ela disse vocês cuidavam da casa lá para mim, (...) Aí naquele sábado a noite (...) aí a gente só via as coisas descendo as coisas dela e minha, daí eu lá meu Deus minhas caixas de linha tão indo tudo embora (...) T. o que nós vamos fazer nossas coisas foram tudo embora, daí ela disse assim eu fiquei ruim por mim e por ti, porque eu pensei meu Deus eu pedi para E. ficar aqui porque ela ficou desabrigada da casa dela, agora a E. ficou desabrigada na minha casa, agora tá mais desabrigada ainda.” (Ellen)*

A solidariedade é mútua, nos vínculos estabelecidos por Ellen, a mesma se sente acolhida pela comunidade, ao mesmo tempo em que se preocupa em doar-se no cuidado com os outros que precisam. Sua relação com a comunidade é uma relação familiar onde se percebe que há uma rede de apoio que se mobiliza em prol do bem estar do bairro.

*“E eu ainda tento ajudar as pessoas quando eu fiquei aqui no Z. daí eles ficavam vendo tudo as catástrofe só mostrando (...), **eu pensei sabe o que eu não vou ficar aqui chorando não, já perdi tudo mesmo, eu vou lá pra Catedral, lá na Catedral ta chegando tem muita gente, eu vou para lá ajudar o pessoal escolhe roupa, ajudar a separar as coisa lá, num sei, vou lá reza um pouco (...).**” (Ellen)*

*“A dona da casa aqui me emprestou uma sala que tem aqui na frente, **que já era de uma costureira para eu tentar consertar roupa**” (Ellen).*

Da mesma forma que as redes sociais auxiliam no enfrentamento de situações de desastres, as mesmas podem apresentar comportamentos desviantes, no que diz respeito a comportamentos saqueadores e oportunos que se aproveitam das situações desorganizadoras proporcionadas pelo evento. Esse tipo de comportamento foi pouco abordado na literatura estudada, no entanto se fez presente no discurso dos participantes da presente pesquisa.

*“Eles tão tudo catando, enquanto que você tá salvando vida... ali eles tão querendo saber de rouba, é coisa, é incrível o ser humano. Eu fiquei assim apavorada, digo Jesus amado.” (Iris)*

*“Eu dizia Jesus amado nós sem nada, no mesmo instante a gente tinha as coisas e num estralo de olho não tinha mais nada (...) eu tinha dois mil e duzentos reais debaixo da cama box, que era para o fundamento*

*da casa (...) mas menina do céu aquela noite mesmo, o que deram para deles catar por cima me levaram até esse dinheiro, naquela noite mesmo, que eu nem sei como (...) Eu sempre gostava de ter bastante coisa, coisa que tava tudo no pacote novinho... eles devorado com tudo, o que eles puderam... enquanto que eu tava salvando as crianças eles tavam me roubando (...) É incrível o ser humano, é incrível” (Iris)*

*“(...) No outro dia tava eu e ele procurando e vem o colega e diz assim se é dinheiro que vocês to procurando nem procura, porque tava uma patota tudo repartindo e não era pouco, era dois mil e duzentos.” (Iris)*

Este tipo de reação provocou em Iris sentimentos intensos de invasão de privacidade, vulnerabilidade e de impotência em relação ao tentar cuidar e proteger o que era seu, abalando potencialmente seus recursos sociais.

*“Logo que deu essa tragédia quem pode mais chora menos, porque tem uns que querem ajudar querem socorrer e os outros convalescidos querem aproveitar da situação, cataram tudo, nós nem quisemos mais nada, o pessoal roubou tudo.” (Norma)*

*“Então o que sobrou os ladrões levaram, o que sobrou que era de madeira a cerca que era bem na beira da estrada, então o que sobrou ladrão foi levando, um levava a janela outro levava, aí quando a gente foi lá ver tinha mais nada.” (Ellen)*

*“Quando o pessoal estava pegando perfume, xampu tudo, que eu cheguei com uma madeira assim, puta que pariu já perdi tudo se eu mata esse praga, porque era conhecido meu ... se eu te matar aqui vou perder mais coisa ainda ... daí ele jogou tudo e sumiu ... meu o ser humano é pior que bicho.” (Jonas)*

A agressividade apareceu no discurso de Jonas, demonstrando indignação, sensação de traição e principalmente como uma forma de resgate à autonomia e controle.

Observamos que o funcionamento da rede social ambivalente interfere na forma de enfrentar a situação traumática, principalmente por quebrar a idéia de pertencimento e solidariedade proposta em uma comunidade coesa.

Além de perderem suas casas, perderam sua identidade pessoal e sua identidade comunitária; no momento de intenso sofrimento e busca pela sobrevivência, muitas famílias se sentiram desprotegidas e ameaçadas pela própria comunidade.

O apoio familiar é muito presente no discurso de Odília, percebemos que diante da sua fragilidade emocional o apoio e o contato com o próximo, desperta seus recursos de enfrentamento, na medida em que precisa do referencial externo para se fortalecer.

*“Só a única coisa que meu deu força para mim lutar foi as minhas filhas os meus filhos, mas que elas ainda são pequenas e precisam muito de mim, mas se não acho que eu tinha desabado.” (Odília)*

*“Todas as minhas irmãs (...) nós já somos unidas desde lá, acontece qualquer coisa com uma delas o fio corre (...) então eu pego o carro e vou catando uma na casa da outra na outra e vou levando para fazer a reunião onde ta acontecendo o problema (...) a gente procura e é uma coisa que nunca ninguém vai poder tirar de nós, que o nosso pai nós ensinou a ser muito unidos e vamos ser unidos para sempre (...) Sou assim muito esse jeitinho família, esse jeitinho mãezona sabe, então quero que todo mundo esteja ao meu redor entendeu.” (Odília)*

A religião assumiu um papel importante no enfrentamento dos participantes da pesquisa, a vivência do desastre carregada de sofrimento e dor sempre veio acompanhada do discurso religioso amenizando a dor e o sofrimento.

*“Quando eu não dou mais conta, então eu busco força na cruz de Jesus Cristo, por isso ele deixou até o sinal da cruz lá. É buscar forças na cruz de Jesus, como diz o apóstolo Paulo a cruz é loucura para os pagãos e para nós é motivo de salvação, de força e é verdade, então é nele que a gente busca força.” (Ellen)*

*“Agente vamo bota o joelho no chão vamo reza, porque daí não vai dá enchente.” (Ellen)*

*“Aí pensei meu Deus eu vim olhando para o céu, meu Deus eu prego seu evangelho, eu só te sirvo, eu não me deito com nenhum homem, vim falando, a tu palavra disse que tu cuida do órfã e da viúva, eu sou órfã não tenho pai não tenho mãe não tenho parentes só tenho tu, olhando para o céu.” (Ellen)*

As súplicas e os pedidos apareceram em momentos nos quais os participantes se sentiam ameaçados, neste sentido percebemos que os pedidos são uma forma de tentar controlar a condição estressante em parceria com Deus.

*“Daí eu gritei Jesus segura essa laje Jesus, segura não deixa ninguém morrer, eles acabaram de passa assim ela caiu (...) daí aquele homem veio e botou a mão em cima de mim parece que ele me tiro aquele nervosismo que eu tava sentido né, aquela angústia ele me tiro, parece que aquilo me (...) daí ele disse assim calma, calma não morreu ninguém, digo eu to com a menina, disse mas ela não morreu(...)” (Iris)*

O uso da crença e do comportamento religioso foram estratégias de enfrentamento positivas vinculadas ao bem estar emocional. Observamos que a espiritualidade/religiosidade facilitou a resolução dos problemas, diminuindo as consequências emocionais negativas, decorrentes do evento estressante.

Percebemos no discurso dos participantes que a fé promoveu alívio e conforto, minimizando sentimentos de raiva e mágoa associados à calamidade.

*“Deus tem feito coisas maravilhosas na vida da gente, então tem a fé que deixa a gente cada vez mais forte sabe, e eu tenho fé que eu vou conseguir meu apartamento, até a semana passada eles me chamaram, quando eles me chamaram assim, porque eles estão construindo aqui.”*  
(Odília)

Ellen demonstrou uma fé tão intensa que chegou a permanecer, em muitos momentos durante a calamidade, rezando; este comportamento lhe auxiliou no enfrentamento das sucessoras perdas vivenciadas em um curto espaço de tempo.

*“Porque só, só pela fé em Deus mesmo que a gente chega lá, porque se não, não, já teria arrebentado no meio do caminho como diz o outro, então segurando a minha barra, segurando a dele, eu sempre coloco assim para as pessoas que não é só eu que tenho problema.”* (Ellen)

*“Nós ficamos quatro dias sem comer, sem comer nada, rezando (...) ficamos noite inteira de joelho (...) quando eu fui me levanta eu não conseguia mais o meu joelho tava adormecido, mas olha eu disse para T. nossa, mas muita gente devia tá rezando né, naquela terça-feira parou a chuva e saiu aquela cruz lá na Garcia, porque foi daí quando na quarta-feira a gente dizia que todo mundo a tem uma cruz lá na Garcia, tem uma cruz no mato né, daí meu filho disse meu Deus mãe*



*fui lá vê era de arrepiar a gente olha assim como que no meio do mato ficou aquela cruz.” (Ellen)*

A gratidão a Deus também foi um dos recursos utilizados pelos participantes para enfrentar a dor e as perdas.

*“Deus consiga colocar esperança e fé no coração deles para que eles possam lutar novamente, fácil não é mas Deus estando do lado da gente tudo fica mais fácil. Só assim as coisas andam né.” (Odília)*

Muitos sofrem e lutam para se recuperarem após uma experiência traumática ou não encontram recursos para lidar com a dor e o sofrimento e acabam desenvolvendo distúrbios, aqueles que apresentam a capacidade de reagir à diversidade e utilizando seus recursos para enfrentar os estresses, resignificando suas experiências são considerados indivíduos resilientes.

*“A gente aprendeu muito com isso,(...) aprendeu que agente tem que ver o lado de como cada um foi criado.”(Odília)*

O relato de Odília traz uma grande transformação em sua forma de ver o mundo após sua vivência traumática, seja ela a experiência com a calamidade e, a sua convivência no abrigo. Percebemos que com o resgate da sua identidade, ela se permitiu olhar o outro de forma diferente dentro do seu contexto, respeitando suas diferenças.

*“Dona E. não aconteceu nada contigo, tá com um sorriso no rosto, disse aconteceu Dom A. eu perdi minha casa, perdi minhas coisas, não sei onde tá meu filho, não sei nada, eu só sei que, olha diabo pode tirar tudo que eu tenho, mas a minha fé não, minha esperança ele não tira, aí Dom A. disse assim para mim, nunca vi tamanha força, tamanha fé, ele assim enxugou as minhas lágrimas, disse ô Dom A. tô aqui para ir lá trás ajudar as pessoas de lá, não adianta nada ficar chorando, já*

*perdi tudo mesmo, aí ele assim olha minha filha eu vou dizer como Jesus eu nunca vi tamanha fé em Blumenau.” (Ellen)*

Uma vez que o indivíduo é o receptor grupal e o suporte social funciona como uma das estratégias de enfrentamento mais utilizada nas situações de desastres, denota-se presente no discurso dos participantes transformações importantes.

Quando o evento estressor se torna traumático, como na calamidade de Blumenau, muitas vezes as pessoas se esforçam para compreender o ocorrido com o propósito de recuperar o senso de controle e de reafirmação da vida. Observamos nesta pesquisa que os indivíduos que conseguiram dar significado ao acontecido através de estratégias de enfrentamento positivas, conseguiram regular suas emoções e se ajustar ao trauma e à sua nova realidade.

*CONSIDERAÇÕES FINAIS*

---

Com a crescente ocorrência dos desastres naturais relacionados a mudanças climáticas, a presente pesquisa buscou analisar a vivência do luto de pessoas que passaram por perdas decorrentes destes fenômenos. O Estado de Santa Catarina, especificamente o município de Blumenau, foi o local escolhido para pesquisa, em razão de seu histórico de constantes inundações.

Em novembro de 2008, Blumenau mais uma vez entrou em estado de alerta. A cidade ficou sob chuvas constantes desencadeando deslizamentos, deixando rastro de perdas humanas e materiais, mudando radicalmente a forma das pessoas verem o mundo. O mito de um mundo seguro, controlável e previsível se perdeu, dando lugar à imprevisibilidade da vida, às dificuldades de previsões de futuro, ao descontrole dos acontecimentos e à vulnerabilidade.

Os desastres provocaram rupturas bruscas na vida das pessoas, em virtude da sua manifestação violenta e destruidora, deixando as pessoas subitamente enlutadas, provocando diversas perdas decorrentes de uma sucessão de eventos traumáticos. A situação de desastre colocou as pessoas em contato direto com a incapacidade de controlar as coisas, despertando sentimentos de insegurança, medo, impotência e solidão permeados por sofrimento, dor e tristeza, tornando-as extremamente vulneráveis.

Os participantes desta pesquisa puderam transmitir vivências, crenças, percepções, interpretações e formas de enfrentamento, de maneira única.

A sucessão de perdas decorrentes da calamidade vai desde as perdas materiais até a perda da identidade psicológica do indivíduo e da comunidade. A comunidade sofreu um grande impacto com as perdas materiais, mas, principalmente, com a perda do senso de proteção e segurança. Algumas pessoas perderam seu trabalho, seu sustento, o senso de pertencimento e de produtividade.

Constatou-se que quanto maior era o investimento com as conquistas e o vínculo estabelecido com o local de moradia, maior era a dificuldade em lidar com a perda.

O luto é um processo que não tem um tempo determinado para finalizar. Os participantes mostraram que vivenciam ainda um processo contínuo de elaboração das perdas, uma vez que permanecem dependentes do auxílio da Prefeitura de Blumenau para poder reconstruir suas vidas, manifestando sequelas emocionais e físicas.

Vale ressaltar que o abalo, a autonomia e independência daqueles que permanecem em abrigos ou moradias provisórias propicia a perda da identidade individual.

A vivência do desastre corrói aos poucos a ideia de que o mundo é um lugar seguro, levando ao desequilíbrio, enfraquecendo os recursos de enfrentamento. Este aspecto pode ser considerado como um fator de risco para o desenvolvimento do luto complicado. Por meio dos relatos, constatou-se que com a destruição de uma comunidade perde-se muito mais que uma história social. Perde-se a identidade social e individual, com abalo na auto-estima e no auto-conceito dos indivíduos atingidos.

Com o golpe à segurança dos indivíduos, observou-se que com o início das chuvas (evento estressor), a população tende a entrar em estado constante de alerta, disponibilizando recursos de enfrentamento para lidar com tal eventualidade onde a perspectiva de futuro é assombrada pela possibilidade da ocorrência de novos desastres.

A irritabilidade, agressividade, hostilidade, sentimentos de incapacidade e perda do controle, assim como comportamentos autodestrutivos diante da vivência do desastre estiveram presente no discurso dos participantes. Muito destes sentimentos estão diretamente ligados à vivência traumática e somados ao acúmulo de situações estressantes; observou-se que quando a pessoa começa a dar significado ao evento

traumático, os sintomas tendem a reduzir em decorrência da retomada do controle da vida e acesso às suas redes de apoio.

A capacidade de reagir às diversidades e aos eventos ameaçadores tornou os indivíduos resilientes, isto é, resistentes para suportar e reagir aos desafios da vida. Constatou-se que a comunidade também pode se tornar resiliente, aprendendo com o passado e melhorando as proteções futuras, diminuindo assim os riscos de consequências traumáticas de eventuais desastres. Como forma de enfrentamento, o suporte social se mostrou como um dos recursos diante das situações de desastres; a solidariedade, o senso de confiança e a necessidade de pertencimento foram outros recursos importantes na adaptação à nova realidade. Observou-se que o comportamento resiliente apresentou-se prevalecente neste estudo, sendo manifestado em alguns momentos no âmbito individual; mas também na comunidade, este aspecto é identificado na capacidade da mesma de ter esperança e fé para suportar a maioria dos traumas e perdas, superar as adversidades e prevalecer, na maior parte das vezes, com recursos, competência e união.

No entanto, cabe ressaltar que diante da situação de destruição decorrente dos desastres, as redes de apoio apresentaram-se ambivalentes, manifestando comportamentos saqueadores e oportunos. Muitas famílias se sentiram desprotegidas e ameaçadas pela própria comunidade, o que provocou sentimentos de invasão de privacidade, vulnerabilidade e impotência em relação ao tentar cuidar e protegerem o que era seu, abalando suas redes de apoio social. Neste contexto, a agressividade veio como forma de resgate à autonomia e ao controle, pois a situação de vulnerabilidade alterou diretamente a auto-estima e o auto-conceito, enfraquecendo os recursos de enfrentamento e a ideia de redes sociais seguras e de apoio.

Outro recurso de enfrentamento presente no discurso dos participantes foi a espiritualidade/religiosidade, a qual exerceu um papel importante amenizando o sofrimento dos sobreviventes expresso pelas reações emocionais.

Diante da complexidade que cerca as perdas decorrentes da situação de desastre, parece indispensável pensar em um planejamento de intervenção adequada e imediata no pós-desastre. Estas ações buscam propiciar um espaço de expressão dos sentimentos diante da perda, possibilitando o resgate das capacidades de enfrentamento.

Por fim, a autora deste estudo quer dar voz ao que representou este contato direto com as vítimas que não hesitaram em retomar suas mais dolorosas lembranças para que uma experiência devastadora como a que tiveram pudesse servir para o conhecimento de pesquisadores sensíveis para a vivência do luto, tanto concreto como simbólico. A experiência de ouvir e compartilhar das sensações e lembranças dolorosas de uma comunidade abruptamente assolada pela destruição causada pelos desabamentos fez com que a autora mergulhasse em um universo desconhecido, com um sentimento de impotência que a assombrou muitas vezes. A cada história, a autora era presenteadada com a força e a garra de um povo que não luta somente pela sobrevivência, mas pelos seus direitos também.

*REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

---



- ACKERMAN, N. W. *Diagnóstico e tratamento das relações familiares*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- ALAMO, S. V. *Psicologia em emergências y desastres uma nueva especialidad*. (2007) Disponível: [www.monografias.com/trabajos10/emde/emedede.html](http://www.monografias.com/trabajos10/emde/emedede.html) (Acessado em 01/2009).
- ALDWIN, C. M. *Coping with traumatic events*. New York: PTSD Research, 1993.
- ALMEIDA, L. Q. *Desastres Naturais: No Brasil não há gestão de risco!* Jornal da Ciência - SBPC, São Paulo, 2009.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edição 70, 1995.
- BARTOLOMEW, K. & HOROWITZ, L. M., *Attachment Styles among young adults. A test of a four-category model*. Journal of personality and social psychology. nº. 61, 1991, p. 226-244.
- BEEHR, T. A. & MCGRATH, J. *Social support, occupational stress, and anxiety*. *Anxiety, Stress, & Coping*, 5, 1992, p. 7-19.
- BELL, P. GREENE, T.; FISHER, J. D., & BAUN, A. *Environmental psychology*. Fore Worth: Harcourt College Publishers, 2001.
- BERMAN, W. H; SPERLING, M. B. *The Structure and Function of Adult Attachment*. In: **Attachment in Adulthood: Clinical and Developmental Perspectives**. Sperling, N. B. e Berman, W. H. (Eds.), cap. 1, p. 1-28, New York: The Guilford Press, 1994.
- BLYTHE, A. SLAWINSKI, T. *When doing the right thing might be wrong. Research questions the value of a widely used crisis response*. *Behavioral Healthcare Tomorrow*, 2004.
- BOWLBY, J. *Apego e Perda*. Vol. 1: Apego. São Paulo: Martins Fontes, 1969/1990.

- \_\_\_\_\_. *Apego e Perda*. Vol. 2: Separação. São Paulo: Martins Fontes, 1973/1993a.
- \_\_\_\_\_. *Apego e Perda*. Vol. 3: Perda. São Paulo: Martins Fontes, 1973/1993b.
- \_\_\_\_\_. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Perda: tristeza e depressão*. In: **Trilogia Apego e Perda**, Vol. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Separação, Angústia e Raiva*. Vol. 2. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRASIL. *Política Nacional de Defesa Civil*. Ministério da Integração Nacional, Secretaria Nacional de Defesa Civil, Brasília, 2007.
- BROMBERG, M. H. P. F. *A psicoterapia em situações de perdas e luto*. São Paulo: Psy, 1998.
- BURTON, I. & KATES, R.W. *Readings in resource management and conservation*. Chicago: University Chicago Press, 1965.
- CASELLATO, G. (org.) *Dor Silenciosa ou Dor Silenciada: Perdas e Lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade*. São Paulo: Livro Pleno, 2005.
- CASTRO, A. L. C., *Manual de Planejamento em Defesa Civil*. Brasília, 2007.
- COELHO, A. E. L. *Genero: La variable invisible em la evaluación del distress postdesastre*. Desastres y Sociedade, nº. 8 Caribe, 1997.
- COHEN, R. *Lecciones Aprendidas durante desastres naturales: 1970-2007*. Rev. Peru Med Exp Salud Publica, Perú, 2008.
- *Defesa Civil do Estado de Santa Catarina*: [www.defesacivil.sc.gov.br](http://www.defesacivil.sc.gov.br) (Acessado em 02/2009).

- DOKA, K. J. *Disenfranchised grief: recognizing, hidden, sorrow*. Nova Iorque: Lexington Books, 1989.
- DSM-IV. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FAVERO, Eveline e DIESEL, Vivien. **A seca enquanto um hazard e um desastre: uma revisão teórica**. Aletheia, jun. 2008, nº.27, p.198-209.
- FEENEY, J. A. & NOLLER, P. *Adult attachment*. Thousand Oaks: Sage, 1996.
- FIGUEIRA, I. **O estresse pós-traumático em áreas afetadas pelo tsunami**. Rev. Bras. Psiquiatria. 27 (2); 2005.
- FOLEY, V. D. *Introdução à terapia familiar*. Porto Alegre, Brasil, Artes Médicas, 1990.
- FONSECA, J. P. *Luto antecipatório: As experiências pessoais, familiares e sociais diante de uma morte anunciada*. Campinas: Livro Pleno, 2004.
- FRANCO, M. H. P. *Atendimento psicológico para emergências em aviação: a teoria revista na prática*. Estudos de Psicologia (Natal), v. 10 nº.2, Natal, 2005.
- \_\_\_\_\_. (org.) *Estudos Avançados sobre o Luto*. Livro Pleno. Campinas, 2002.
- GABORIT, M. *Desastres y Trauma Psicológico*. Pontificia Universidad Javeriana. Cali, Colômbia, 2006 p. 185-39.
- GRAY, M. J.; MAGUEN, S.; LITZ, B. T. *Acute psychological impact of disaster and large-scale trauma: limitations of traditional interventions and future practice recommendations*. Prehospital and Disaster Medicine, vol.19. nº.1, 2004.
- GRÉGIO, C. *Antes e depois do TRAUMA: Vivência Traumática e o Mundo Presumido*. Dissertação de Mestrado. Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

- GOLDBERG, S.; MUIR, R.; KERR, J. *Attachment Theory: Social, Developmental, and Clinical Perspectives*. The Analytic Press, 2000.
- GUIMARÃES, L. A. M. & GUIMARÃES, P. M. NEVES, S. N. H. & CISTIA, J. M. D. *A técnica de debriefing psicológico em acidentes e desastres*. Mudanças: Psicologia e Saúde. V.15 jan-jun 2007.
- HERRMANN, M. L. P. *Levantamento dos desastres naturais ocorridos em Santa Catarina no período de 1980 a 2000*. Florianópolis: IOESC, 2001.
- HODGKINSON, P.; STUART, M., A. *Coping with catastrophe: a handbook of post disaster psychosocial aftercare*. Routhledge, 2º edição, 1998.
- HOROWITZ, M.J. *Stress response syndromes*. Northvale, NJ, 1976.
- KAPCZIBSKI, F. & MAGRIS, R. *Transtorno de Estresse Pós Traumático*. Revista Brasileira de Psiquiatria, Porto Alegre, 2003.
- KAUFFMAN, J. *Intrapsychic dimensions of disenfranchised grief*. In: DOKA, K. (Org.). *Recognizing hidden sorrow*. Lexington Books, 1989. p. 25-30.
- KLAUER, T; FERRING, D. e FILIPP, S. H. *“Still stable after all this...?”: Temporal comparison in coping with severe and chronic disease*. *International Journal of Behavioral Development*, 22, pp. 339-355, 1998.
- KOBİYAMA, M. *Uso da Zona Ripária na Prevenção de Desastres Naturais*. I Seminário de Hidrologia, Conferência, Florestal, Florianópolis, 2004.
- KOBİYAMA, M. *Impacto do Furacão Catarina sobre a região sul catarinense: monitoramento e avaliação pós desastre*. Geografia, V.30, N.3, P.559-582, 2005.
- KOVÁCS, M. J. *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.
- KOVÁCS, M. J. & Colaboradores. *Laços da existência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

- KRUM, F. M. B. *O Impacto e as Estratégias de Coping de Indivíduos em Comunidades Afetadas por Desastres Naturais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Março de 2007.
- KRUM, F. M. B. & BANDEIRA, D. R. *Enfrentamento de desastres naturais: O uso de um coping coletivo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, Brasil, 2008.
- LAZARUS, R. S. *Emotion and adaptation*. New York: Oxford University Press, 1991.
- LAZARUS, R. S. e FOLKMAN, S. *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer, 1984.
- **MANUAL PARA AVALIAÇÃO DO IMPACTO SOCIOECONÔMICO E AMBIENTAL DOS DESASTRES** – Texto de apoio resumo de publicação da CEPAL, Curso de Lideres Salvador/BA, 2004.
- MARANDOLA JR., Eduardo and HOGAN, Daniel Joseph. *Natural hazards: o estudo geográfico dos riscos e perigos*. Ambiente & sociedade, vol.7, n.2, 2004.
- MARCELINO, E. V.; GOERL, R. F.; RUDORFF, F. M. *Distribuição espaço-temporal de inundações bruscas em Santa Catarina (Período 1980-2003)*. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE DESASTRES NATURAIS**, I, 2004, Florianópolis. Anais. Florianópolis; GEDN/UFSC, 2004P. 554-564.
- MATTEDI, A. M. & BUTZKE, I. C. *A Relação entre o social e o natural nas abordagens de hazards e de desastres*. Ambiente & Sociedade. Ano IV- N9 2001.
- MAUILA, L. *et al. Dicionário Médico*. Lisboa: Climepsi Editores, 2003.
- MAZZORA L. *A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto*. Tese para obtenção do título de doutor em psicologia clínica, PUC/SP, 2009.

- MITCHELL, J.T. *When disaster strikes: The critical incident stress Debriefing process*. Jerns, 1983.
- MYNAIO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1992.
- OLSCHOWSKY, A. S. SCHMITZ, U. V. *11 DE SETEMBRO DE 2001: vivenciando o transtorno do estresse pós-traumático*. Gaucha Enferm, Porto Alegre (RS) 26(3),2005.
- **Organização Pan-Americana de Saúde – Organização Mundial de Saúde**. Disponível em: <http://www.opas.org.br/ambiente/temas.cfm?id=47&area=Conceito> (Acessado em 09/2009).
- PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. Summus Editorial, São Paulo, 1998.
- PARKES, C. M. *Amor e Perda: as raízes do luto e suas complicações*. Summus Editorial, São Paulo, 2009.
- PATON D., VIOLANTI, J. M., & DUNNING, C. *Posttraumatic stress intervention: Challenges, issues, and perspectives*. Charles C. Thomas, Springfield, 2000.
- PIETRUKOWICZ, M. C. L. C. *Apoio social e religião: uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001.
- PINE, V. *Social psychological aspects of disaster death*. In: DOKA, K. (Org.). *Living with grief after sudden loss*. Taylor and Francis, 1996. p. 103-116
- ROSE, S. & TEHRANI, N. *History, methods and development of psychological debriefing*. In *Psychological Debriefing: Professional Practic Board Working Party*. Leicester, United Kingdom: British Psychological Society, 2002.

- SACO, I. *ONU: Aumentam os desastres naturais relacionados às mudanças climáticas*. Agência EFE, Genebra, 2008. Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2008/01/19/onu-aumentam-os-desastres-naturais-relacionados-as-mudancas-climaticas>. (Acessado em 09/2009).
- SANCHES, J. I. R. & AMOR, J. L. M. *Intervención Psicológica en las Catástrofes*. Madrid: Editorial Sintesis, 2005.
- SANTOS, S. R. B. *O amor em movimento: casamento e mudança no apego*. Dissertação de Mestrado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Pereira Franco Bromberg. São Paulo: 2000.
- SANTOS, S. R. B. *Bate coração:apego, casamento e recuperação*. Tese de Doutorado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Pereira Franco. São Paulo: 2005.
- SCHWARZER E RIECKMANN. *Social support, cardiovascular disease, and mortality*. In M. Kopp, G. Weidner, M. Kristenson (Eds.), *Heart disease: Environment, stress, and gender*. Amsterdam, The Netherlands: IOS Press, 2002.
- SHEAR, K. *Managing Grief After Disaster* Disponível em: [http://www.ncptsd.va.gov/ncmain/ncdocs/fact\\_shts/fd\\_grief\\_disaster.html](http://www.ncptsd.va.gov/ncmain/ncdocs/fact_shts/fd_grief_disaster.html) (Acesso em 24/06/2009).
- SILVA L., MORENO, V. *A religião e a experiência do sofrimento psíquico: escutando a família*. Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá, 2004 maio/ago V.3 N<sup>o</sup>.2 p.1661-168.
- SMITH, S.M. *Disaster: Family disruption in the wake of natural disaster*. In C.R. FIGLEY & H.I. McCUBBIN (Eds.). *Coping With Catastrophe*. V. II. New York, 1983.

- SOLOMON, Z., MIKULINCER, M. & AVIZTUR, E. *Coping, locus of control, social support, and combat-related posttraumatic stress disorder: A prospective study*. Journal of Personality and Social Psychology, 55(2), 279-285, 1988.
- SOLOMON Z.H.D. *Change in diagnostic criteria of PTSD implications from two prospective longitudinal studies*. American Journal of Orthopsychiatry 2007, Vol. 77, No. 2, 182-188.
- STROEBE, M. et al. *Bereavement research: contemporary perspectives*, In: *Handbook of bereavement research and practice: advances in theory and intervention*. Washington: American Psychological Association, p. 3-25, 2008.
- STROEBE, W. e SCHUT, H. *Handbook of bereavement research: consequences, coping and care*. Washington: American Psychological Association, 2001.
- TEDESCHI, R.G., & CALHOUN, L.G. *The posttraumatic growth inventory: measuring the positive legacy of trauma*. Journal of Traumatic Stress, 9, 1996.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1995.
- TURATO, E. *Métodos qualitativos na pesquisa científica*. Disponível em: <http://www.psicossomatica-sp.org.br/turato2.html>. (Acessado em 01/06/2009).
- WALSH, F. *Family resilience: A framework for clinical practice*. Family Process, v.42, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Traumatic loss and major disasters: strengthening family and community resilience*, Family Process, v.46, 2007.
- WERLANG, B. S. G., SA, S. D. e PARANHOS, M. E. *Intervenção em crise*. Revista Brasileira de Terapia Cognitiva, jun. 2008, vol.4, nº.1.



- WILLIAMS, M. B.; et.al. *The connection between grief and trauma: an overview*. In: RANDO, T. (Org.). *When a community weeps: series in trauma and loss*. Taylor and Francis, 1999. p. 3-17.
- WORDEN, J. W. *Terapia do luto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

*ANEXOS*

---

## ANEXO I

### PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_

tenho conhecimento de que estou participando de uma pesquisa científica sobre o processo de luto por desastres naturais que está sendo desenvolvido pela psicóloga Viviane Cristina Torlai dentro do Programa de Pós-Graduação da PUC/SP no Núcleo de Família e Comunidade- Programa de Psicologia Clínica sob orientação da Prof. Dra. Maria Helena Pereira Franco como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica.

Fui informada sobre a possibilidade de me recusar a responder quaisquer perguntas que possam me causar constrangimentos de alguma natureza.

Tenho conhecimento de que a pesquisa a ser realizada é considerada de baixo risco, mas caso ocorram eventuais problemas, o pesquisador se responsabilizará em realizar os encaminhamentos necessários para instituições competentes.

Estarei participando de uma entrevista com duração de aproximadamente duas horas.

Concordo que a entrevista seja gravada, com o único objetivo de facilitar a transcrição das respostas pelo pesquisador, e que este material será apenas utilizado para este fim, sob total responsabilidade do pesquisador que deverá arquivar o material em local sigiloso e de acesso exclusivo ao mesmo.

Fica também esclarecido que a confiabilidade e privacidade das informações passadas e da identidade pessoal serão garantidas.

Se houver quaisquer dúvidas relacionadas à pesquisa, durante ou após, poderá o pesquisador ser contatado no endereço R. Itaiçi, 111, ap 44, Santa Terezinha, São Paulo, fone (11) 22561006 ou (11) 78923506; e-mail [viviane.torlai@uol.com.br](mailto:viviane.torlai@uol.com.br).

Fica estabelecido que, a partir do momento que eu comunicar ao psicólogo que não me interessa mais em participar da pesquisa, esta autorização será anulada e todo o material coletado até a ocasião será destruído.

O Consentimento Livre e Esclarecido foi entregue a mim pelo pesquisador responsável, antes do início da realização da pesquisa.

Nome do pesquisado:

Nome:           RG

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_                      Assinatura:

Testemunha:

Nome:           RG

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_                      Assinatura:

Nome do pesquisador

Nome: Viviane Cristina Torlai           RG: 27476136-1                      CRP: 06/59224-6

Endereço R. Itaiçi, 111, ap 44, Santa Terezinha, São Paulo

Telefones: (11) 22561006 ou (11) 78923506

E-mail: [Viviane.torlai@uol.com.br](mailto:Viviane.torlai@uol.com.br).

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura:

## ANEXO II

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

---

Iniciais:

Sexo:

Idade:

Profissão:

Nível de Escolaridade:

Local de moradia:

Tempo de moradia:

Constituição Familiar:

### ENTREVISTA SEMI DIRIGIDA:

---

Como era sua vida antes das chuvas iniciadas em Novembro de 2008?

Objetivo: Conhecer a história da pessoa antes da inundação, com o intuito de entender o significado dado às situações de perda no pós-desastre.

-História de vida.

- História familiar.

-História profissional.

-Histórico de moradia.

-Histórico de perdas e seqüelas emocionais anteriores.

Como foi no momento do ocorrido?

Como é a sua vida agora?

O que mudou?

Quais são as perspectivas de futuro daqui pra frente?



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**Comitê de Ética em Pesquisa**  
**Sede Campus Monte Alegre**

PUC-SP

São Paulo, 15 de março de 2010.

**PARECER CONSUBSTANCIADO**

**Protocolo de pesquisas nº 016/2010**

**Unidade de origem:** *Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde*

**Curso:** *Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica*

**Orientador(a) Prof(a). Dr(a).:** *Maria Helena Pereira Franco*

**Autor(a):** *Viviane Cristina Torlai*

**Título do Projeto de Pesquisa:** *A vivência do luto em situações de desastres naturais*

**Nível:** *Dissertação de Mestrado*

**Sumário Geral do Protocolo**

Trata-se de dissertação de mestrado que objetiva estudar a “vivência do luto de pessoas que passaram por perdas decorrentes de desastres, especificamente as inundações no Estado de Santa Catarina em dezembro de 2008”, buscando compreender o “significado que o indivíduo atribui a um fenômeno”.

Para tanto propõe uma análise de conteúdo dos dados obtidos através de “aproximadamente” vinte entrevistas semidiretivas, com pré-estruturação mínima, a partir de um roteiro (anexado ao protocolo), com sujeitos em idade adulta, sem distinção de sexo, que serão gravadas em fita de áudio. Com esse procedimento busca obter dados relativos ao histórico pessoal/familiar/profissional do entrevistado antes e após o incidente, a fim de detectar as mudanças havidas e as perspectivas de futuro.

**Local de Realização**

O local onde a pesquisa será realizada ainda está pendente de definição, dependendo de acordo ser levado a termo entre órgãos competentes da Prefeitura Municipal de Blumenau e a Secretaria Municipal da Assistência Social da Criança e do Adolescente de Blumenau.

**Apresentação do Protocolo**

A folha de rosto foi corretamente preenchida, exceto no que tange ao quesito patrocinador, sobre o qual não há nenhuma informação.

A pesquisa envolve indivíduos com autonomia plena.

Quanto aos critérios de inclusão/exclusão no projeto, esclarece que a pesquisa terá como público-alvo indivíduos de ambos os sexos, com mais de 21 anos, que passaram por



PUC-SP

## **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo** **Comitê de Ética em Pesquisa** **Sede Campus Monte Alegre**

perdas, humanas ou materiais, decorrentes de inundações no Estado de Santa Catarina e que tenham estado presentes durante o desastre.

Na descrição da pesquisa estão especificados a fundamentação teórica, o método e a bibliografia.

Apresentou-se currículo do pesquisador responsável, que demonstra experiência como investigador na área da presente pesquisa.

Foram apresentados o Termo de Compromisso do Pesquisador responsável devidamente assinado pelo orientador e pelo pesquisador, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido específico para a pesquisa. Não são informadas as circunstâncias sob as quais o consentimento será obtido e nem por quem.

Não se apresentou orçamento nos documentos encaminhados ao CEP.

Os resultados esperados não se encontram objetivamente especificados

O local de aplicação da pesquisa não é descrito, nem tampouco os planos para o recrutamento dos indivíduos.

Observa-se no protocolo a presença de dados contraditórios: enquanto na folha de rosto informa-se que serão seis os sujeitos pesquisados, no projeto a pesquisadora declara que serão entrevistadas aproximadamente vinte pessoas.

A Comissão Científica do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica avaliou o projeto, emitindo parecer favorável à realização da pesquisa assinado pela Profa. Dra. Rosane Mantilla de Souza.

### **Avaliação dos riscos e benefícios**

O TCLE não identifica os riscos e desconfortos esperados. No entanto o projeto considera que o procedimento é de baixo risco para os participantes, ressaltando que o pesquisador estará atendo a eventuais problemas que possam surgir, comprometendo-se a proceder aos encaminhamentos necessários.

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

O documento apresentado como TCLE está redigido em linguagem acessível.

Aborda aspectos da garantia de sigilo dos participantes, da confidencialidade, privacidade e da liberdade do participante de se retirar da pesquisa a qualquer momento.

O nome e telefone da pesquisadora a serem utilizados em caso da ocorrência de emergências relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa são informados.

Não traz a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa.

Não esclarece sobre os desconfortos e riscos possíveis e os benefícios esperados, nem tampouco sobre a finalidade/destino do material a ser coletado nas entrevistas.

### **Comentários do Relator**

A proposta da pesquisa é atual e relevante do ponto de vista acadêmico e prático.

No entanto, há certos aspectos que podem ser melhorados em função das determinações do protocolo de pesquisa, fixadas na Resolução CNS 196. Nesse sentido recomendamos:



PUC-SP

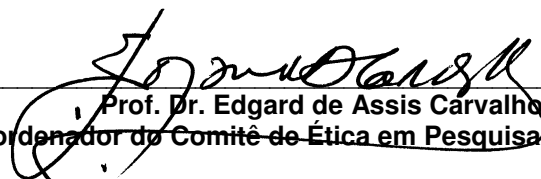
**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**Comitê de Ética em Pesquisa**  
**Sede Campus Monte Alegre**

1. O TCLE deverá informar as circunstâncias sob as quais o consentimento será obtido e por quem.
2. O TCLE deve assegurar ao indivíduo o direito de recusar-se a responder às perguntas que ocasionem constrangimentos de alguma natureza.
3. O TCLE deverá informar sobre os possíveis riscos, desconfortos ou benefícios que podem ser antecipados, demonstrando a preponderância de benefícios sobre riscos e custos.
4. A descrição da pesquisa deverá conter a sua duração total, a partir da aprovação (cronograma de execução)
5. O pesquisador deverá informar um orçamento: os eventuais custos, e se conta ou não com apoio externo (institucional ou agência de fomento).
6. A pesquisa deve definir o número exato de sujeitos envolvidos.

**Situação do Protocolo** *(o relator propõe)*

**Aprovado, com recomendação para adequação do TCLE, apresentação de orçamento e complementações no protocolo.**

*Fica estipulado prazo de 30 dias, a partir do recebimento e ciência deste, por parte do autor e orientador, para manifestação sobre as questões levantadas.*

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho  
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP